

ILUSTRAÇÃO

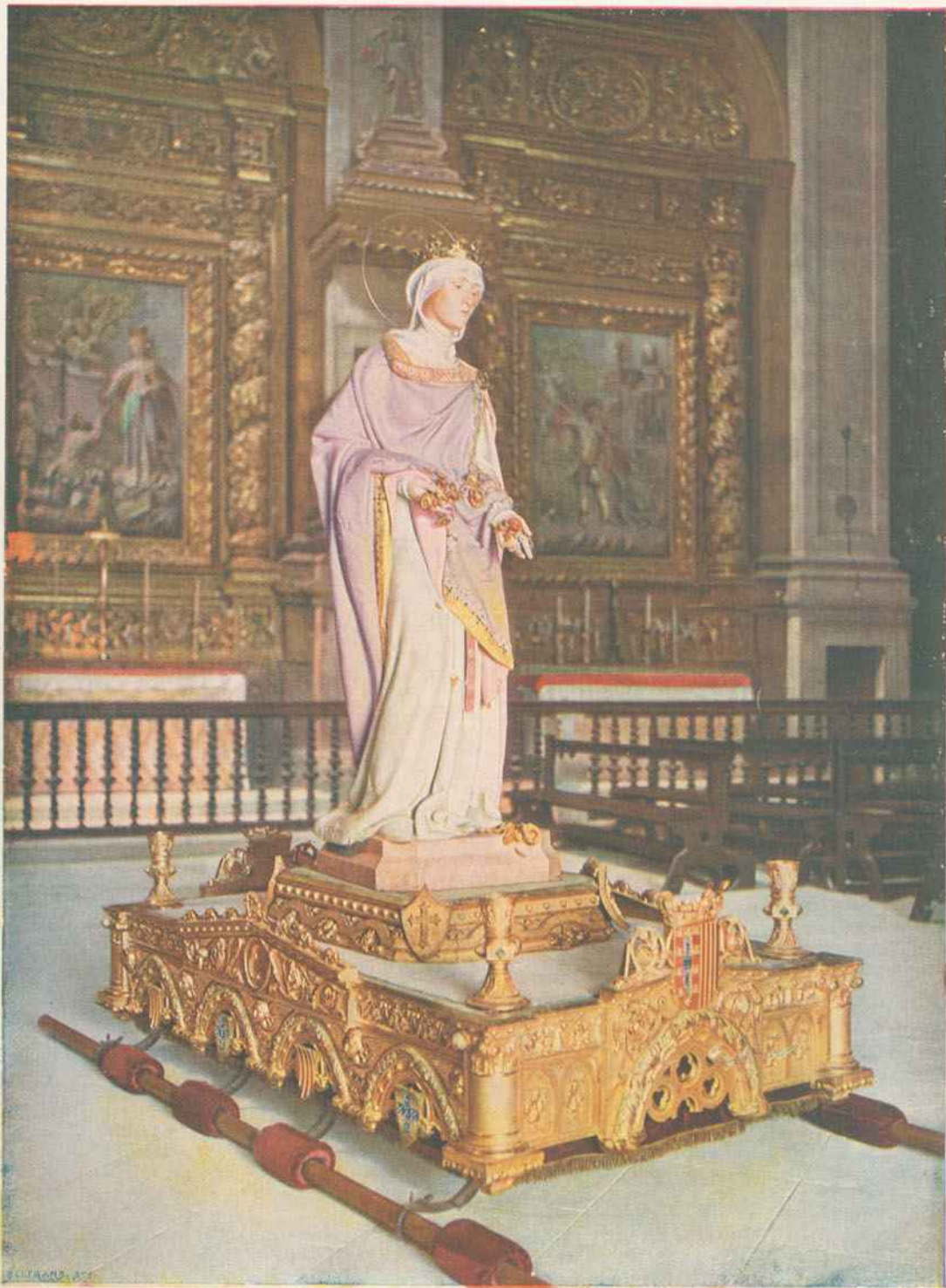
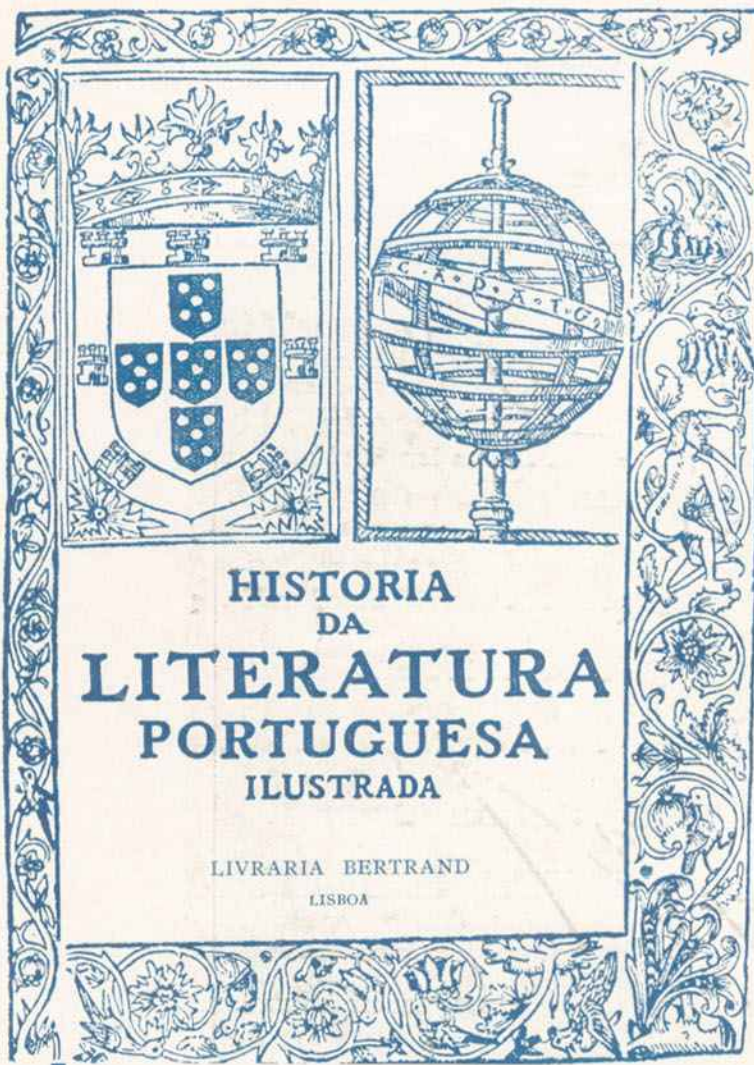


IMAGEM DA RAINHA SANTA IZABEL

existente na igreja de Santa Clara,
em Coimbra

(Escultura de Teixeira Lopes)



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO PORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSAÏM AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
F. M. LARANJO CORREIA, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
R. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

**EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS**

E CONTERÁ

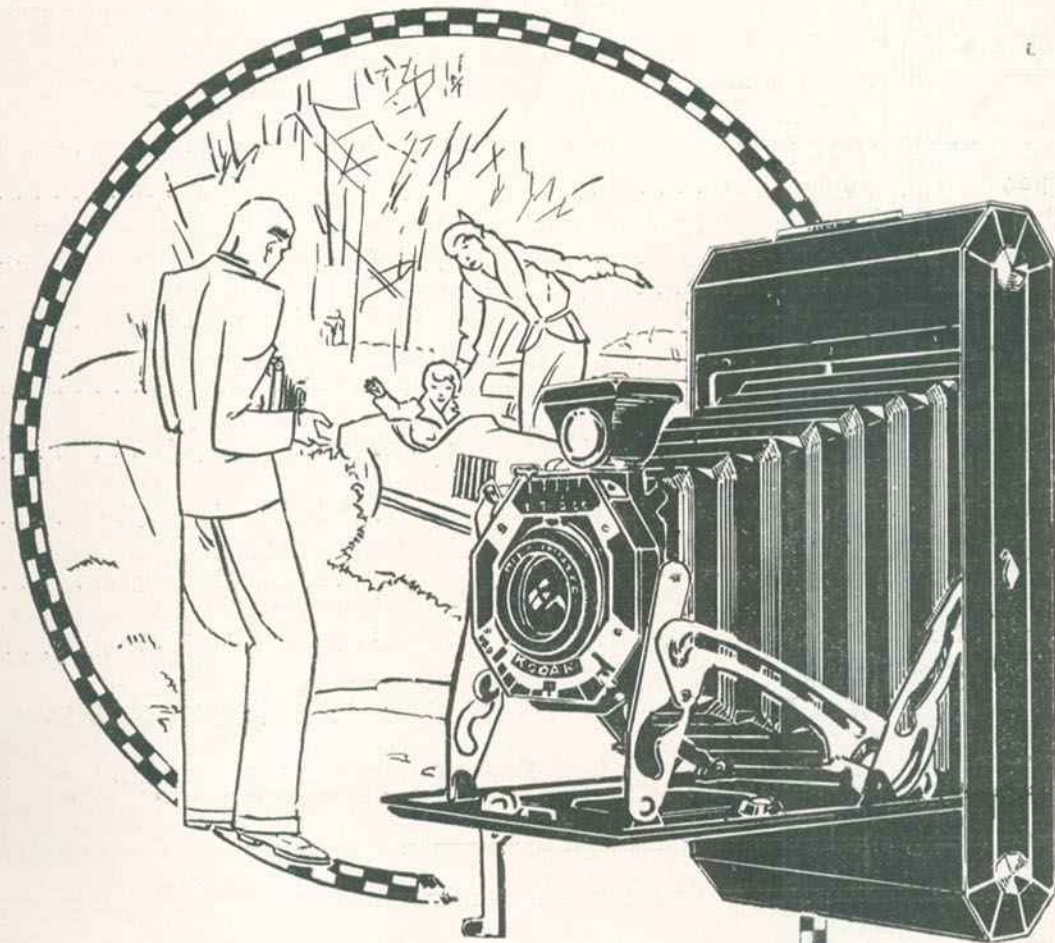
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSGRADO

CADA TOMO 10\$00



Uma grande novidade Kodak

Modernismo... é a nota saliente do novo «Kodak» — absolutamente ao gosto da época na elegância rectilínea das suas linhas, na sobria originalidade das suas decorações

Mas o «Kodak» Six-20 é também moderno nos aperfeiçoamentos que o tornam um aparelho cómodo, de reduzido volume e... principalmente, duma admirável simplicidade de manuseio.

Como é rápido o seu funcionamento! Como são nítidas as suas fotografias, obtidas tão facilmente, mesmo por aqueles que façam pela primeira vez uso dum «Kodak»! Vá hoje mesmo a qualquer boa casa de artigos fotográficos e peça para ver o

“Kodak” Six-20



*De manhã... ou à tarde...
Com sol... ou à sombra...
Mesmo em dias de chuva...*

use Pelicula Verichrome

Fabricada exclusivamente por «Kodak»

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA



Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Acaba de aparecer

"O Tesouro da Casa Amarela"

Por **D. FERNANDA DE CASTRO**

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplêndido teatro infantil

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1.º — <i>O Tesouro da Casa Amarela</i> | 3.º — <i>O Az dos Caçadores</i> |
| 2.º — <i>As Borbuletas e o Bicho de Seda</i> | 4.º — <i>A Recompensa</i> |
| 5.º — <i>O Estrangeiro e o Portuguesinho</i> | |

PREÇO: 5\$00

À venda na filial do **"Diário de Notícias"**

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

e em todas as livrarias



A HORA DO ENO!

Para que os dias vos decorram cheios de saúde e bom humor, tomai sempre ao levantar da cama o vosso copo de Sal de Fructa "Eno".

Graças ao "Eno" livrar-vos-heis das perturbações de estomago e figado e de todos os incomodos que a prisão de ventre ocasiona. O elevado grau de pureza do sal de fructa "Eno" e a sua acção brandamente laxativa, conquistaramlhe, durante os ultimos sessenta anos, uma reputação universal de precioso auxiliar da saúde.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt"

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositaros em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.
8, Caes do Sodré, LISBOA

Fóra com as dôres!

CAFIASPIRINA

livra de dôres e restabelece o bem estar.




Logo que sinto os primeiros sintomas do meu mal habitual-frequentes dôres de dentes — tomo CAFIASPIRINA e a dôr desaparece como por encanto!

Não prejudica o coração nem os rins!



Novidade Sensacional

Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco, depois de desembaralhados com um pente apropriado (despenteador), penteiam-se com a cabeça ainda húmida, com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas deixam o pente através dos cabelos na posição indicada (veja-se a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª vezes, e assim se obtêm uma linda ondulação para sempre).

PEIGNE ONDULATEUR V.I.E.N.A.

Exclusivo de venda: **ACADEMIA SCIENTIFICA D. E. B. E. L. E. Z. A. M. CAMPOS**
Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Preço Esc. 15\$00

ROBBIALAC

ESMALTE DE SECA RAPIDA

A Casa D'Entrada

A primeira, e em alguns casos, a unica impressão que as visitas levam do interior da vossa casa é a que sentem ao entrar no vosso Hall, e, muitas vezes, logo após a porta d'entrada encontram-se certos desmazelos que não são tolerados em outros pontos da casa.

É a porta velha e escalavrada, a caixa do correio e as goteiras dos bengaleiros roídas de ferrugem Todos estes pequenos defeitos estragam a aparência geral da casa e, embora pelo longo habito de os ver passarem despercebidos aos vossos olhos, são imediatamente notados pelas pessoas que vos veem visitar.

Eis pois sem duvida, uma excellente occasião para recorrer ao ROBBIALAC. V. Exa so tem que remover a ferrugem, limpar cuidadosamente a superficie que deseja renovar e aplicar-lhe em seguida uma demão d'este lindo Esmalte, que escorre tão suavemente e enrija em poucas horas e alcançará um acabamento perfeito, lindo e resistente. E mesmo que V. Exa nunca tenha manejado uma trincha, obterá sempre um resultado verdadeiramente encantador.

Compre uma lata ao seu fornecedor habitual o qual está apto a fornecer-lhe em preto, branco e muitos lindos tons.



SOCIEDADE ROBBIALAC LIMITADA,
Rua Nova do Carvalho, 15, 1.º
LISBOA

Desinfecte e perfume a sua casa com **Sapoforme**

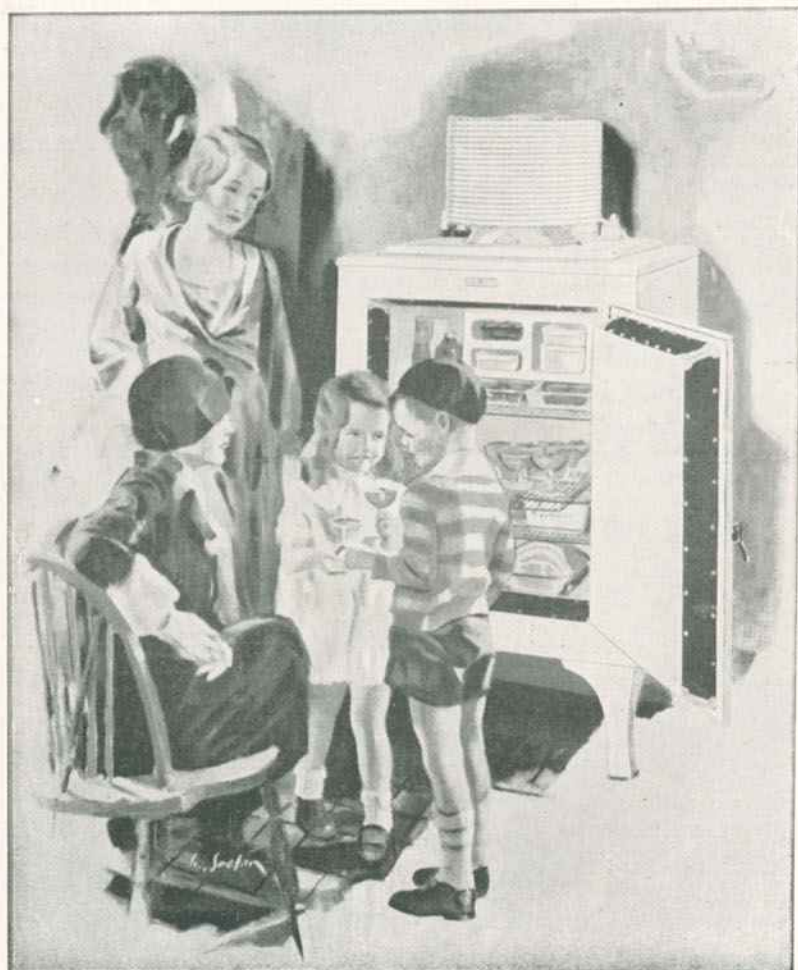
À venda em todas as boas drogarías

Exemplares da **Ilustração n.º 96**

Compram-se na administração desta Revista
Rua Anchieta, 31. 1.º

Proteja a saúde de sua família instalando
em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
— velho electrico —*

Os alimentos sempre em perfeito
estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorífico simplificado

Uma simples tomada de corrente
basta

O Refrigerator automaticamente
fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º — LISBOA — Telef. 2 5347

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18

Crónica da Quinzena

PARECE que desta vez a palrota de Génebra, abandonando o habitual estilo de Bisâncio, decidiu experimentar o das realidades. Foi preciso sentir a pata do dragão sobre o peito e a iminência da asfixia, para compreender que o turismo diplomático esgotara até ao último hausto o aturismo ou capacidade de aturar imposturas, existente nos povos. Não seria fácil suportar mais tempo o flagelo da retórica, insinuador de esperanças que nunca se realizavam.

Ainda bem que Hoover se resolveu a ir com as mãos à guela da assembleia, obrigando-a a responder por sim ou não ao quesito sobre desarmamento, submerso sob montanhas de palácio estéril. Tem de engulir o marmelo, talvez escolhido pelo americano astuto, de propósito para ser rejeitado. De facto, o tamanho e dureza permitiam confiar numa nega formal, única em termos de colocar em boa posição o candidato às próximas eleições presidenciais. Se as nações reunidas não aceitassem a proposta, apresentar-se-ia de mãos lavadas perante a opinião pública universal que não aprova a atitude egoísta até hoje mantida pelo representante do imperialismo financeiro da U. S. A.

Dentro e fora do país ficariam as bôças entupidas. «Não fizemos ajustes cordatos por teima deles», seria a desculpa do róseo presidente perante os eleitores partidários da cooperação, como seria também o sossêgo para os que nem com risco de acabar o mundo querem o perdão das dívidas.

Se tal foi o propósito, bem arrependido da arfanha estará quem o inventou, ao ver-se no apuro de engulir a peçonha preparada para afligir os tólos, súbito mudados em gente de sisó.

E agora, que resultado se espera daquele enorme e retumbante «acertamos» proferido pelas 28 nações a quem o erêdor de Washington pôs entre a espada e a parede?

Pode chegar-se a um entendimento que arrume de vez a barafunda de contas deixadas pela guerra. Dívidas e reparações talvez desapareçam, que mais não seja, pelo jeito de maldito, sempre reconhecido nesse dinheiro tinto de sangue.

Nunca dêle colheram felicidade, nem os que pagavam, nem os que recebiam. Parece que uma daquelas pragas, à maneira de tragédia grega, o perseguia aonde quer que se encontrasse.

Que tenha procedido com sinceridade, no santo desejo de bem fazer, ou por astúcia, como maliciosamente se conjecturou, demos por bem vinda a iniciativa de Hoover e acalentemos a esperança de que enfim termine o pesadêlo começado há 18 anos.

E será crível que o transe nesta hora sofrido pelo mundo venha a cessar com o perdão antevisto?

A prudência manda duvidar de tão feliz resultado. Depois de cortada a silva das indemnizações e débitos, que nos tem posto as mãos em sangue, ainda fica outra mais espinhosa, o comunismo, capaz de nos rasgar o fato e depois a pele até aos ossos.

Enquanto existir o sistema russo não haverá tranquilidade à face da terra. A III Internacional constitui uma frente de batalha. Mantida em vigor de acção, a paz tem de considerar-se um anseio illusório.

O Chile optou pela solução mais cômoda da aventura arriscada em que se metera. Aqui se aventou na última crónica a inviabilidade de um soviete daquelas dimensões. Havia de ser difícil conseguir que lhe consentissem o livre desenvolvimento. Fizeram pois bem os prudentes daquela simpática República americana desmanchando-o por moto próprio, antes que lho desmanchassem. Ainda por lá ficou rastejando um kerensquismo envergonhado que, de arrepio, é capaz de conduzir ao extremo oposto de alguma reacção de bota e espóra.

A lei seca americana continua a interessar os comentadores de fenómenos sociais e políticos, em todo o mundo. Desde que se tornou motivo de escândalo e de mófa, pelas consequências imprevisíveis a que deu origem, as atenções acompanham emocionadas o desenrolar dos quadros, por vezes inéditos, por ela produzidos. Agora que tantos pormenores

veem a público vê-se quanto eram pobres de imaginação os produtores de filmes arrepiantes. O facto verídico, vivido pelos contrabandistas de alcohol, apresenta-se muito mais fantástico. Talvez por isso haja na U. S. A. quem prefira o jornal, contando façanhas dos «gangsters», ao cinema onde apenas se relatam patranhas insípidas.

Os puritanos, autores da célebre emenda XVIII, levam dêste modo uma raposa mestra, não faltando quem caçõe dêles em tôdas as línguas, incluindo a americana, e os flagele pelo seu pedantismo. São agora os próprios que puniram por ela no seu início, os mais desiludidos. E tanto que alguns saem a público penitenciando-se.

Um dêsses é o imenso John Rockefeller, que depois de reconhecer o efeito contraproducente da lei e o deslêem em que caiu, mostra o povo disposto a desacatar tôdas as leis pelo facto de se habituar a desrespeitar aquela.

A carta do conhecido milhardeiro, varrendo a sua testada, apareceu há dias.

Apareceu mais um livro de Aquilino Ribeiro e o facto merece registado como um dos notáveis da quinzena. Um escritor como êste não aparece em tôdas as gerações, e um livro da sua pena não aparece todos os anos.

Felicitemo-nos pois por contarmos mais trezentas páginas em língua portuguesa dignas de serem lidas.

A *Batalha sem fim*, como tantos mais do autor, representa o povo português, com a diferença de que êste reveste a variante marinha, forte como as outras e pouco tratada pelos lidadores do estilo. A verdade é que se muito merece fixado o homem da terra, igual se diz do homem do mar. E bem fêz o demonstrador das *Terras do Demo* trazendo para a galeria, os tipos agora postos em pé.

Agradeçamos e não lamentemos nem estranhemos que o autor insista nos modelos rudes. Em Portugal só há povo e pinheiros. Fora dêsses motivos cai-se no característico das imitações ou do exercício académico.

Samuel Maia.

A LENDA DO SENHOR DA CRUZ DE BARCELOS

FUI à *Feira das Cruzes*, a Barcelos, Maio em festa enfeitando de flores tôdas as hastes e todos os ramos. Mas isto de ir a Barcelos, nesta época, para quem não conheça a pitoresca e nobre cidade minhota — vila ainda há poucos anos, embora, já então, como sempre, tida e havida pela rainha do Cávado — é coisa tão vazia de interesse que nem vale o esforço dum comentário. No entanto, quem uma vez a visitou, ou retém de ouvido o activo das suas louçanias e virtudes, logo nos considera de semblante risonho, em ar de parabens. É que se lembra das suas ruas povoadas de história pátria, das suas praças ilustradas de evocações nobilitantes, dos palácios armoriados e das tôrres ameidadas que deram abrigo aos troncos donde bracejaram ramos de realza. E substituiu em especial a orquestra sinfónica de côr que deliciosamente a envolve e a satura de musicais harmoniais — a escala opulenta dos verdes interpretada pelas videiras suspensas das árvores, pelos campos ricos de fartura. Deve acrescentar-se que é o rio Cávado o maestro de tão bela partitura — o qual, além do mais, lava os pés ao burgo centenário, e se sente tão feliz no gôso da afável sinfonia, os compassos iniciais gravados na fôlha translúcida da corrente, que quasi se esquece da obrigação sob a surdina dos amieiros perfilados às margens.

Pois fui a Barcelos neste Maio florido — desde o tójo ao plátano, desde a giesta à oliveira tudo engalanado a primor. E tendo ido a Barcelos neste mês, no princípio, usufruí o melhor dos seus regalos anuais — as tradicionais Festa e Feira das Cruzes.

Não me deterei em face da feira das Cruzes — espécie de *ver-bena* em que giram dia e noite os *carrões* apinhados de ruidosas gentes, em que há barracas de tiro ao alvo, em que há até diversões obrigadas a *manubrio*, como em Madrid, e cuja nota característica é a das

môças do campo, nos seus trajos garridos, estadeando a sua frescura, os seus olhos e os seus oiros. E mais: aproveitando a feira para a escolha do homem que há-de ser-lhe companheiro pela vida fora. Cada uma dessas môças tem sempre vários pretendentes, principalmente quando à formosura junta a abastança. É na feira que se decidem à eleição do preferido. Pelo que, cada uma delas, na praça agitada e fervilhante de feirantes, recebe em audiência, um por um, os tráfegos concorrentes — elegendo o que se lhe afigura mais dotado de atributos atinentes às suas felicidades.

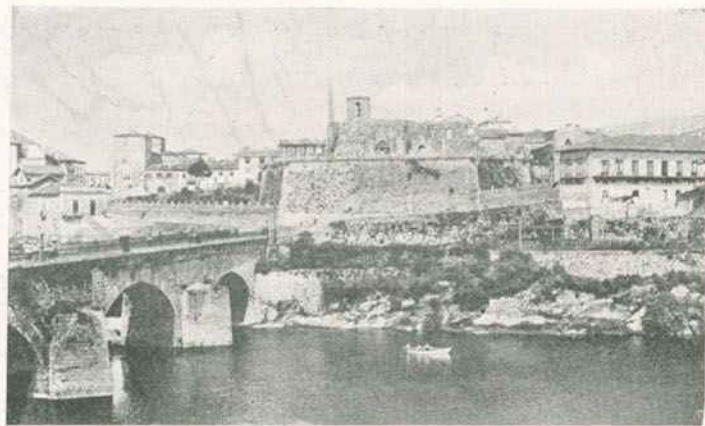
Por vezes — deve acrescentar-se também — o bemaventurado não chega a colhêr da bôca da eleitora o primeiro beijo do triunfo. Porque lhe cai em cima a chuva de paus de lodão dos concorrentes reprovados — deixando-o estirado de bôcco no solo emoldurado de graças, como que a beber a pôça do seu próprio sangue.

*
* *

E a festa das Cruzes? Essa é promovida, e realizada, e cantada, e musicada em louvor do Senhor da Cruz — origem centenária da festa e feira das Cruzes.



BARCELOS — A FEIRA DAS CRUZES, VENDO-SE AO FUNDO A CAPELA DO SENHOR DA CRUZ



BARCELOS — PONTE ROMANA SÔBRE O RIO CAVADO

E agora se vai ver o que eu procurarei cingir a estas regras incertas, a razão porque a festa e a feira são das Cruzes, sendo da Cruz o Senhor.

É voz corrente, e consta de livros que se imprimiram, correram e correm, que aos três dias de Maio da era de Nosso Senhor Jesus Cristo — o ano perdeu-se na cerração das idades — no chão do Campo da Feira do burgo arqueológico desabrocharam dezenas de cruzes em tudo e por tudo semelhantes à do Senhor no Calvário.

— Milagre! Milagre! — soluça o espanto e a comoção do clero, nobreza e povo sacudidos pelo estranho prodígio.

O prodígio verificado, os grandes e os pequenos do burgo reuniram e deliberam edificar capela digna e condigna sôbre a maior dessas cruzes, e encomendar em Roma a imagem do Senhor da Cruz para ocupar, como donatário e padroeiro, a venerável capela.

Esta esculpida e encarnada por mão de mestre, na cidade de S. Pedro, embarcam-na em nau de rumo às costas de Portugal. A nau dobra o cabo de S. Vicente. E já sob as vistas da terra lusitana sossobra em temerosa procela.

Dias transcorridos, humilde mulher de Barcelos, ao chamariz dos despojos de certo naufrágio, adianta-se até à foz do rio Cávado. E aí, com outros despojos, recolhe e leva para casa um braço de madeira.

Porque era um braço apenas, e lhe desconhece a proveniência, a pobre mulher lan-



BARCELÓS — BATALHA DE FLÓRES NA FESTA DAS CRUZES

ça-o ao lume em que prepara o caldo sem tempêro.

Mas verifica, assombrada, que em vez de se entregar ao sôfrego apetite das chamas vorazes, o braço se mantém intacto no meio do braseiro — e mais, e agita-se no seio das chamas, conservando a sua côr natural.

—Milagre! Milagre! — clama o assombro e o alvorôço da atônita criatura.

Os habitantes do burgo acodem ao preção do milagre. No mesmo assombro e no mesmo alvorôço verificam o acontecimento. Alçam do fogo o braço de maravilha, braço talhado para a cruz, que à cruz pretende volver. Guiados por estranho pressentimento, transportam-no ao local onde a mulherzinha o topara.

De súbito, varado entre rochedos, no abraço das ondas, descobrem um corpo mutilado — a que falta aquele braço. Trazem-no para terra. É o corpo dum Santo Cristo, de cruz ao ombro, tal qual o que haviam encomendado ao santeiro de Roma, para ser o padroeiro e donatário da capelinha que no Campo da Feira aguarda a sua chegada.

É assim, o braço restituído ao corpo vergado sob o madeiro, por caminhos ensombrados de árvores, à beira das águas claras do rio, rezando e cantando, conduzem à modesta capela a imagem pelas ondas conduzidas à foz do Cávado.

Instituem-lhe irmandade própria. Marcam-lhe dia certo para festa anual. Na esperança de que os negócios se tornem

mais pingues sob a protecção dum vulto tutelar, realizam no dia da festa do Senhor a feira do ano mais concorrida por aquelas redondezas — o que dá ao rendimento da capela es acréscimos das boas vendas.

O Senhor da Cruz, por sua

vez, agradecido a tanta piedade, — que em breve transforma a humilde capelinha primitiva na ampla capela octogonal dos nossos dias, onde o oiro e a talha medem primasias com damascos e azulejos — prodigaliza-se em favores de tôda a ordem a bem do natural e do forasteiro. Pelo que, desde então, não houve ainda nas redondezas mulher dorida pelas moléstias do filho tamaninho, nem noiva ansiada pela ausência do noivo tresmalhado, que não se apegasse imediatamente à misericórdia do Pai e Amigo, sempre pronto a levar bálsamo às mil e uma chagas de corpo e alma. É isto o atestam os círios bentos, as tranças de cabelo e os painéis que lhe guarnecem o altar...

Instituída a irmandade do Senhor da Cruz esta decidira fazer encarnar a imagem a que o contacto das águas do mar e as incontínências dos tempos transmitiram certa cárie feluginosa.

Foram convocados à igreja os mais dextros pincéis para obra de tal melindre. Com os hábeis pincéis da diocese mobilizaram-se as tintas de melhor fama no mercado.

Mas, as tintas finas, embora dextro o pincel que as distribuí, correm pelas faces crestadas, e pelas mãos convulsas, e pelas vestes encardidas como água sôbre superfície oleosa — não deixando sequer o rasto da sua passagem. Experimentam-se outras tintas; contratam-se novos pintores — e o Senhor continua de rosto feluginoso, quási negro, os olhos mais brilhantes no escuro brônzeo das órbitas, revelando aos devotos que prefere a fealdade à beleza, para que o amem e venerem pelo encanto dos seus dons celestes, não pelo agrado dos seus atractivos físicos.

Pouco depois, a mesma irmandade, os mesmos devotos, para público testemunho de reconhecimento e homenagem aos favores recebidos, resolvem festejá-lo com o costumado arraial de fôgo de artifício e pomposa procissão — rica de andores, anjinhos e músicas. Ao tomarem, porém, o andor do milagroso, ao qual destinavam no cortejo magnífico pôsto digno da sua alta hierarquia, — a seguir ao do pátio com a custódia — o Senhor da Cruz cresceu tanto, engrossou por tal forma que não coube pela porta principal.

—Milagre! Milagre! — clamaram pela tereceira vez as almas consternadas.

E desde essa data em diante, todos os anos, a 3 de Maio, se reproduzem no chão as cruzes do dia longínquo; todos os anos, a 3 de Maio, se realizam as festas de maior concorrência da freguesia — acrescidas da feira tradicional; todos os anos, a 3 de Maio, acorrem a Barcelos romeiros e feirantes de quatro concelhos. Mas nunca mais as irmandades ou os devotos pensaram em retirar de sua casa a imagem venerada, que retomou as proporções primitivas, e que tornaria a crescer e a engrossar, se alguém ousasse contrariar os seus desígnios: — o Senhor da Cruz, que não quer a epiderme brilhante de tintas profanas, não quer o culto externo dos cortejos pomposos.

E aqui têm como o Senhor da Cruz, por efeito das cruzes traçadas no solo, deu origem à festa e à feira das Cruzes.

E aqui têm como o Senhor da Cruz, por efeito das cruzes traçadas no solo, deu origem à festa e à feira das Cruzes.



BARCELÓS — ASPECTO DO CAMPO DA REPÚBLICA DURANTE A FEIRA DAS CRUZES

Sousa Costa.



A "RAINHA" DA COLONIA
PORTUGUESA NO
BRAZIL ENCON-
TRA-SE EM
LISBOA

A ESQUERDA: A SR.ª D. LEOPOLDINA BELO, À SUA CHEGADA AO ESTORIL, ENTRE ROSAS DE PORTUGAL, POSANDO PARA O FOTÓGRAFO DA «ILUSTRAÇÃO»

A DIREITA: A «RAINHA» AO DESCER DO COCHE QUE A TRANSPORTOU DA ESTAÇÃO DO CAIS DE SODRÉ ATÉ AO PARQUE MAVEH, ONDE FOI ALMO DUMA SIMPÁTICA MANIFESTAÇÃO POPULAR.

EM BAIXO, À ESQUERDA: NO MOMENTO DO DESEMBARQUE DO «NIASSA», D. LEOPOLDINA BELO ACOMPANHADA DE D. FERNANDA GONÇALVES CALVET DE MAGALHÃES, «MISS» PORTUGAL EM 1939

EM BAIXO, À DIREITA: GRUPO DOS ARTISTAS QUE TOMARAM PARTE NO SARAU EM HONRA DA «RAINHA», NO CASINO DO ESTORIL. SENTADAS: D. HORTENSE LUZ, D. PALMIRA BASTOS, D. LEOPOLDINA BELO, D. AMÉLIA REV COLAÇO E D. AUGUSTA DE OLIVEIRA. DE PÉ: VASCO SANTANA, ERÍGIO BRAGA, ROBERTO MONTEIRO, D. CRISTA SCHWARTZ, TÓRRES MARQUES, D. EMÍLIA FRAGATA, NASCIMENTO FERNANDES E ALEXANDRE DE AZEVEDO





NUNCA a analogia do sonho com as concepções delirantes de certos loucos me pareceu tão perfeita, como na hora em que despertei desse pesadelo ao mesmo tempo inquietante e grandioso.

Numa planície interminável, escalvada, trágica, cuja aridez se estendia até perder de vista na cinza dum crepúsculo em que se confundiam as formas e as cores, sob um céu baixo e vermelho como uma cúpula de cobre em brasa, eu vi uma multidão imensa, um grande mar humano, oceano de cabeças oscilantes, de braços que se erguiam em atitudes de súplica e de impreciação, que se crispavam em gestos ora de dôr, ora de ameaça, — e ouvi, levantando-se desse mar convulso, um bramido que dava a impressão longínqua de milhares de feras ululando numa floresta sacudida pela tempestade. Fixei-me melhor nos vultos que se encontravam mais perto de mim. Eram figuras gigantes de velhos, uns obesos e calvos, outros esqueléticos e hirsutos, velhos que pareciam ter vindo até ali desde as mais remotas idades e civilizações: homens senis das cavernas; titans nus e formidáveis, lembrando a velhice bronzea de Prometeu; velhos filósofos gregos, vacilantes e amparados a bâculos; patriarcas bíblicos de longa barba mosaica; reis, bispos e Papas decrépitos, as corôas, as mitras, as tiaras chamejando ao clarão vermelho do céu; gordos judeus holandeses; doutores caquéticos de Bolonha, a tremar na sua púrpura; mendigos centenários de Bizâncio e de Nápoles, cobertos de lepra como antigas árvores carcomidas; tôda a hediondez da velhice, imunda e venerável, estendendo-se, alastrando, oscilando em movimentos de vaga, perdendo-se num formigueiro humano, até tão longe, que a minha vista não lhe alcançava o fim. Parecia que aquela multidão de velhos esperava alguém ou alguma coisa, porque todos eles se comprimiam, ansiosos, à beira dum largo caminho, e as cabeças de tôdas essas figuras senis, descarnadas, crispadas, horríveis, se voltavam para as ban-

VIVER MAIS, VIVER SEMPRE!

das do Ocidente. No meio do alarido atroador produzido por milhares de bôcas abertas, cada uma delas falando uma língua diferente, procurei ouvir o que diziam os velhos que se encontravam mais próximos, quasi ombro a ombro comigo; e, ao fim de algum tempo, compreendi que eles repetiam sempre a mesma palavra, numa expressão de aflitiva súplica: — Viver! Viver! Viver!

Durante alguns minutos, considerei aquele espectáculo grandioso. Tive a impressão de que estava olhando para



trás, na imensidade do tempo, e vendo gerações milenárias há muito tempo desaparecidas no túmulo. Entretanto, apesar de se encontrarem ali, na mesma multidão confusa, civilizações afastadas por dezenas de séculos, todos aqueles velhos estavam vivos; eram realidades e não sombras; não só viviam, mas pareciam possuídos da ânsia, do desvairamento, da loucura furiosa de viver, de viver mais, de viver sempre. A espessa, a infinita multidão que eu via, apareceu-me, de súbito, como a expressão delirante da revolta do homem contra a fatalidade da morte. Era a humanidade decrépita — desde a sua remota origem — unida na aspiração universal de prolongar a existência sobre a terra. O drama

da velhice, o horror do aniquilamento, a certeza inevitável do fim, o problema inquietante da eternidade, agitavam aquelas figuras aflitivas e esquiladas, que afluíam e refluíam em ondas humanas, vacilavam, estremeciam, gesticulavam, levantavam os braços em atitudes patéticas de exaltação, de dôr, de prece, de rebeldia, de interrogação veemente, de expectativa ansiosa, voltavam cada vez mais avidamente as cabeças — seara viva de grenhas felpudas, de crâneos nus, de corôas, de mitras, de chifres gauleses, de chapéus de cardeal — para os lados onde o sol desaparecera como uma enorme patena de ouro rolando num mar de sangue. Compreendi que todos aqueles velhos esperavam, realmente, alguma coisa; e que essa alguma coisa só poderia ser a solução do seu problema — o problema milenário da «vida maior» — trazida, não por Deus, inimigo do homem, que para uma ambição demasiado grande lhe concedera uma vida demasiado curta, mas pela ciência humana, capaz de desvendar todos os mistérios e todos os segredos da vida e da morte. Era a obra redentora dos sábios, irmãos mais novos de Deus, que a velhice universal, sequiosa dum palavra de esperança, aguardava naquela planície interminável, à beira daquela estrada por onde haviam de passar, numa maratona vertiginosa — síntese da evolução de dezenas de séculos — os homens que, procurando pela ciência prolongar a vida humana, tinham tentado remediar a maior imperfeição divina. No céu, as labaredas do poente, semelhantes a um grande incêndio, empalideciam na espessa cinza crepuscular e irizavam-se de reflexos azues, como o leque de um formidável pavão. Sobre a multidão que bramava, revoavam já, em círculos negros, cada vez mais baixos, os corvos. E aqueles milhares de vozes, ululando, reboando num longo trovão, tão vibrantes e tão profundas que abalavam as entranhas da terra, repetiam, repetiam ainda, repetiam sempre:

— Viver! Viver! Viver!

Foi então que, na estrada, muito ao longe, um pouco abaixo da linha do hori-

zonte, começou a distinguir-se o primeiro tropel de sombras. Pareciam formigas, avançando velozmente para nós, e aumentando rapidamente de estatura à medida que avançavam, como numa fita de cinema. Uns vultos vinham isolados; outros, em grupos; e marchavam todos, como uma longa serpente humana, ora negra, ora cintilante, deixando atrás de si uma tênue névum azul, talvez fumo, talvez poeira. A sua marcha dava a impressão de um vôo, porque, alguns minutos depois, as primeiras figuras estavam já perto de mim. Olhei-os, com espanto. Eram sacerdotes egípcios, mitrados, refulgentes, as túnicas bordadas de cegonhas de prata, — os mestres do «sirmaísmo», que, como conta Heródoto, pretendiam deter pelos jejuns a marcha da velhice, purgando e purificando o corpo; eram os médicos judeus que prolongaram a existência do velho rei David fazendo-o dormir nos braços duma virgem adolescente; eram os gregos, Galeno com uma taça nas mãos, o gigantesco Paulo de Egina, vulgarizadores da «gerocómia» bíblica, cuja ciência remoçava os velhos rodeando-os, no leito, de virgens nuas; eram, com as suas longas túnicas brancas, os drúidas misteriosos, médicos das florestas, que procuravam o elixir da vida na essência dos cedros incorruptíveis, no orvalho celeste, no âmbar, nos raios de sol. A multidão estendia para eles os braços, uivando, rugindo, implorando mais vida, sempre mais vida, — e eles passavam vencidos, aniquilados, de cabeça baixa. Aos grupos, outras figuras se seguiram, marchando isoladas, a tristeza e a impotência vincando a sua face dura de velhos. Passaram, ombro a ombro comigo, o árabe Artéphio, filósofo hermético do século XII, célebre por ter afirmado que já vivia há mil anos; o alquimista português Frei Gil, médico de Afonso III; o grande Rogério Bacon, o «doutor admirável» — infernal e celeste, alquimista e frade — que se orgulhava de ter, com o seu elixir de ouro, prolongado até aos cento e cinquenta anos a vida de lady Desmond; Raimundo Lúlio, o mestre da *Ars Magna*, desgrenhado, semi-louco, cuja «grande panaceia» restituía a virilidade aos velhos decrépitos; Nicolau Flamel, a quem a fonte de Juventa do seu «elixir vitae» e do seu «ouro potável» enriquecera; Jorg Faustus, o mágico de Knitlinger, imortalizado pelo génio de Goethe; o bizantino Salomão Treimúsino, caminhando a custo, o crânio nu, as mãos trémulas,

vestido duma dalmática de lã amarela, — o homem que remoçara centenas de velhos e julgara remoçar-se a si próprio com um só grão de pedra filosofal. Todos êstes sábios medievais, criadores de ilusões grandiosas, desfilavam, curvados ao péso da mentira da sua ciência, mudos e tristes como sombras, enquanto a multidão dos velhos, de bocas escancaradas, bradava, numa ansiedade cada vez maior:

— Viver! Viver! Viver!

Mas, logo outros vultos se sucederam, vultos que eu conheci sem precisar de lhes ouvir os nomes, mortos uns, vivos outros e ainda na plena posse da maravilhosa ilusão da sua ciência, todos



os sábios que, do século XVII até hoje — mestres da gerontologia, da tanatologia, da ortobióse — procuraram retardar a marcha da velhice e subtrair o homem às leis inexoráveis da morte. Delirantes geniais, herdeiros do grande sonho da alquimia medieval, pareciam, pela incerteza da sua marcha vacilante, caminhar abatidos, sucumbidos, derrotados. Vi passar o paduano Giovanni Colle, que pretendia remoçar os velhos pela transfusão de sangue jovem; o grande Boerhaave, que deslumbrou a decrepitude humana com os milagres da sua essência de âmbar; o ilustre Cohausen, que nas páginas do *Hermippus redivivus* renovou as práticas da gerocómia e proclamou o rejuvenescimento dos velhos pelo hábito de mulheres moças e virgens; Hufeland,

trazendo na mão o seu livro célebre, a *Macrobiótica*, que ensinava a prolongar a mocidade e a vida; Brown

Sequard, cuja opoterápia acendeu um clarão de esperança na alma dos velhos de todo o mundo; por fim, pensativos, curvados, envolvidos nos

últimos raios do poente, como numa auréola vermelha, os sábios contemporâneos, Metchnikoff, envólto na sua capa negra, a cinza dos cabelos fluando ao vento, — o sonhador que quis

resolver pelos fermentos lácticos o problema da velhice; Cheron e Trunnecek, os homens dos soros anti-esclerosos, caminhando de braço dado; e, a fechar o cortejo, os mestres actuais da endocrinologia: agora, os doutores Steinach e Lichterstein, novos Faustos, que pela vaso-laqueação do canal deferente, inundando os organismos de hormones novos, alimentaram a ilusão do rejuvenescimento humano; logo, os doutores Harms, Lydston e Voronoff, que, pela hetero-transplantação de gânglios, pretenderam criar a nova «idade de ouro» da velhice. Quando Sérgio Voronoff passou, arrastando o cadáver hirsuto de um macaco enorme — o macaco, origem e última esperança do homem! — um arrepio percorreu aquela multidão imensa, e um longo murmúrio de desânimo, uivo doloroso de milhares de feras moribundas, safu do antro de tôdas aquelas bocas sem dentes, como uma exalação de morte. A ciência não trouxera à velhice, cada vez mais ávida de esperança e de vida, cada vez mais possuída do desespero insaciável de viver, — senão mentiras brilhantes, farrapos de sonho, teorias, ilusões, palavras, fumo.

Os vultos perdiam-se, já longe. Vinha caíndo a noite sobre a planície, num infinito coágulo de sombra palpitante. Da esplêndida púrpura do sol — fonte da vida universal — restavam apenas, no horizonte, uns traços de ouro e de sangue. Pouco a pouco, a multidão, que a princípio afluía e refluiu em movimentos de vaga, imobilizou-se; todos os braços, ainda há momentos erguidos e crispados no ar, caíram como uma floresta que o vendaval abatesse; foi-se, pouco a pouco, fazendo o silêncio, um pesado silêncio de morte em todo o campo; um cheiro acre e vivo a cadáver espalhou-se no ar; e os corvos, em círculos negros, descendo cada vez mais, crocitando na alegria do festim que os esperava, roçavam já com as suas asas de treva os crâneos dos velhos cambaleantes. Então, o pavor do silêncio e da morte invadiu-me. Percorreu-me a espinha um arrepio horrível. Tomado de vertigem, senti, dentro da cabeça, gritos, zumbidos, marulhar de ondas, tilintar de sinos. E fui eu, por fim, quem bradou — eu mesmo — possuído já, como os outros, da revolta universal do homem contra o tempo, da vida contra a morte, do verme contra Deus:

— Viver! Viver! Viver!

Mas a minha própria voz acordou-me, e, felizmente, despertei do pesadelo que me oprimia.

Júlio Dantas.

(Ilustrações de Alfredo Morais)



Samuel Maia — nome conhecido na medicina e no mundo das letras — acaba de publicar, numa cuidada edição, a sua notável conferência «O elogio do vinho», realizada em Viseu, na sede da Associação Comercial e Industrial daquela cidade.

O nosso brilhante colaborador, num pequeno prólogo que antecede a conferência, explica as razões que o levaram a falar do vinho e a fazer o seu elogio.

Dêsse interessante trabalho de Samuel Maia, transcrevemos um curioso trecho onde se descreve a magnificência das festas realizadas em Alexandria no tempo de Ptolomeu Philometer, em louvor de Baco. É um descritivo que se deve a Ateneu, um grego que assistiu às celebrações e que as relata como o mais fiel «repórter» de hoje:

A procissão de Baco vinha precedida de Silenos, uns de veste púrpura carregada, outros mais clara, seguidos por sátiros empunhando varas ornadas de ramos de era, talhada em folhas de ouro. Depois marchavam umas vitórias com asas também de ouro levando incensórios acesos, altos de seis côvados, adornados com as mesmas eras; as suas túnicas representavam no tecido diversos animais e tôdas ostentavam enfeites de ouro.

Atrás ia um altar duplo, de seis côvados, cercado por grinaldas de era, igual à anterior, e, mais, uma extensa coroa de pâmpanos do mesmo metal, atada a fitas brancas. Seguiam-se cento e vinte crianças com túnicas de púrpura, levando em bacias de ouro, incenso, mirra e açafraão; e depois quarenta sátiros coroados de era, pintados de púrpura, vermelho e outras cores, acompanhados por dois silenos em clâmide encarnada e sandálias brancas, portadores, o primeiro de um caduceu de ouro, o segundo de uma trombeta. Entre eles ia um gigante com quatro côvados de altura, vestido de actor trágico, mascarado, levando na mão uma cornucópia de ouro.

Passava então uma mulher de lindo corpo com aplicações de ouro e prata, uma coroa na mão esquerda, uma palma na direita, que precedia as quatro estações, cada qual enfeitada com frutos peculiares.

Medeava um andor de ouro, transportado aos ombros, e depois mais sátiros, vestidos de púrpura, com as folhas de era segurando um vaso de ouro cheio de vinho. E abria-se lugar ao poeta Philicus, sacerdote de Baco, acompanhado pelos que por officio se dedicavam ao culto da divindade.

Volvido este grupo apareciam os portadores de trípodes, semelhantes aos de Delfos, destinados a prémios dos atletas, um de nove côvados para adolescentes, outro de dõze para adultos. Passou depois o grande carro de quatro rodas com a estátua de Baco fazendo a libação por taça de ouro. Puxavam-no cento e oitenta homens. O Deus levava uma túnica rastejante, coberta por toga de tecido transparente, sobre o qual esplendia a vestimenta de brocado púrpura e ouro. No carro via-se uma cratera de Laconia, um trípode e taças de ouro, à frente da imagem, reclinada em

“O Elogio do Vinho” foi o tema duma conferência feita pelo sr. dr. Samuel Maia

berço de pâmpanos, eras e outras verduras donde pendiam festões, corôas, tirsos, tambores, máscaras trágicas, cómicas e satíricas. Ladeavam-na os sacerdotes, sacerdotisas, e mulheres com os erivos. Mõças da Macedônia, ditas malonas, bassares, lídias, caminhavam atrás, de cabelos esparsos, coroadas de serpentes, de ciprestes, vinhas e eras, umas empunhando cobras e outras punhais. E avançava outro carro de quatro rodas com seis côvados de largo, tirado por sessenta homens, que transportava a imagem de Nysa, vestida com túnica de brocado amarelo e ouro. Por maquinismo invisível levantava-se e sentava-se, enquanto derramava leite de uma cântara. Levava na mão um tirso enrolado de fitas, e na cabeça uma coroa de era com uvas de ouro cravejadas de pedraria. Cobria-a um



DR. SAMUEL MAIA

dozel de folhagem, prêso nos quatro ângulos do carro a quatro fustes de ouro.

Um outro maior ainda, também de quatro rodas, com vinte côvados de comprimento, tirado por trezentos homens, transportava um lagar cheio de cachos. Sessenta sátiros o pisavam cantando, com acompanhamento de flauta, o canto da lagarada. Um sileno presidia. O vinho doce corria ao longo do caminho. Sessenta homens puxavam o carro seguinte, sobre o qual seguia um grande ôdre de peles de leopardo. Acompanhavam-no cento e vinte sátiros, e silenos, coroados, empunhando taças e cântaras de ouro. Junto dêles via-se uma enorme talha de prata, esculpida com animais em relevo, circundada por cordão de ouro e pedrarias.

Logo atrás luzia a baixela de prata, uma meza grande de dõze côvados, trinta menores de seis côvados, quatro trípodes, um dêles macisso, os restantes cravejados de pedras, seis grandes bacias, dezasseis ânforas, cento e sessenta vasos para refrescar o vinho. Outro grupo conduzia a baixela de ouro, formada por quatro talhas com figuras em relevo, trípodes, um bufete cravejado de pedras finas, cálices, urnas e um altar.

Mil e seiscentas crianças, vestidas de túnica

branca, coroadas de era e pinho vinham a seguir. Levavam canecas de ouro e prata com vinhos doces para distribuir no Estádio. E logo, mais carros. Um com o leite de Semelé, a mãe de Dionisos, outro com uma gruta funda coberta de era, e um cerco de vinhas nimbadas de ouro. Brotavam aos lados duas fontes de leite e de vinho; e da verdura erguiam-se pombas e rôlas com fitas nas pernas, pendentes, em termos de poderem os espectadores apanhá-las durante o vôo.

Representavam os quadros seguintes o regresso de Baco voltando das Índias.

Sentado num elefante, vestido de púrpura, coroadado de era, segurava na mão um tirso de ouro. À sua frente, no pescoço do elefante, sentava-se um sátiro coroadado de ramos de pinho. O acompanhamento era feito por quinhentas raparigas com túnica purpúrea, coroadas de frança verde, por cento e vinte sátiros com todos os seus emblemas em prata ou bronze, por cinco fiadas de silenos e sátiros montados em jumentos, vinte e quatro carros puxados por elefantes, sessenta por parellias de bodes, oito por parellias de aves-truzes, sete por veados. Todos estes carros iam cheios de crianças vestidas de púrpura e ouro, empunhando tirsos.

E mais outros rodavam atrás puchados a camelos, outros a machos, transportando grupos figurativos de nações estrangeiras. Eram indianas representando de cativas, etiópicas de servas levavam ofertas de dentes de elefante, paus de ébano, talhas de ouro e prata.

E novo quadro aparecia, dois caçadores equipados com lanças de ouro, à frente de dois mil e quinhentos cães da Índia e Hirçânia, guiados por cento e cinqüenta homens que transportavam árvores de que pendia todo o género de caça; gaiolas com papagaios, pavões, faisões, galinhas da Índia. Depois tropeavam rebanhos de carneiros, de Etiópia e Arábia, bois brancos da Índia, um urso branco, catorze leopardos, dezasseis panteras, quatro línzes, uma girafa, um rinoceronte. Por fim, num último carro, Baco, representado no momento que perseguido por Juno, se salvou do altar de Rhêa. Ia ladeado por Priapo e acompanhado de mulheres vestidas e adornadas com o maior luxo, personificando as cidades gregas do litoral.

Esta magnificência que o autor antigo descreve com minúcia, tomado de deslumbramento, revela o importante lugar que este Deus occupava na vida social.

Cerimónia daquelle volume não se executará sem o emprêgo total das forças do Estado, secundadas pelo entusiasmo popular, ou seja a uniformidade de pensar e sentir, colaborando na veneração rendida. Era um acto de fé nacional, atestando as virtudes exceelsas do génio bemfazejo, de modo confuso entendido pela multidão que o venerava.

A teologia do tempo não precisava os termos por modo a bem distinguir o criador da criatura. O adorador de Baco não sabia extremar o ídolo humanizado, do vinho nele simbolizado, e menos ainda do espírito imortal que do Olimpo ordenava a abundância, ou a penúria da colheita. O que em suma êle traduzia era a gratidão da viscera pela bebida inefável que receava perder, se bem não gratificasse, a força misteriosa que a produzia.

Na última reunião da Academia Nacional de Belas Artes, o sr. dr. José de Figueiredo, illustre director do Museu Nacional de Arte Antiga, apresentou uma larga comunicação sobre o retábulo da primitiva igreja da Madre de Deus, construída a expensas da Rainha D. Leonor.

O sr. dr. José de Figueiredo, espírito erudito e culto, disse que conseguiu identificar os painéis que, com os três safidos há anos de Portugal, constituíam esse retábulo e que, felizmente, aqueles painéis não só se encontravam entre nós como eram ainda pertença do Estado.

— Este facto, acrescentou, é de grande importância para o património artístico português, por se tratar duma obra de um dos maiores pintores de todos os tempos: Quentin Metsys.

Esse retábulo, como era sua ideia desde 1928 e o escreveu também depois o grande crítico alemão Max Friedlander, era dedicado à «Compaixão da Virgem».

E nem podia deixar de ser assim desde que acreditasse, como a partir de então acreditou, que os três painéis em questão e aqueles que legou ao Museu das Janelas Verdes, a senhora Condessa de Edla, todos provenientes da Madre de Deus, tinham feito ali parte de um conjunto maior, e se não esquecesse ainda que esses painéis representavam, respectivamente: «A apresentação do Menino no Templo», «A fuga para o Egipto», «O Menino entre os Doutores» e as «Santas Mulheres e S. João de visita ao Calvário», temas estes todos da série «As sete dôres da Virgem».

A dúvida cessa, porém, por completo, desde que identificara a pintura central do retábulo, graças ao auxílio do professor Freire, que, a seu pedido, limpou um painel cujo assunto era irreconhecível tão repintado e escurecido estava.

O facto, porém, de provir essa pintura da Madre de Deus e de lhe parecer quinhentista levava-o a suspeitar da possibilidade de estar ali o painel em questão, e não se enganou. Prova-o o seu tema e a sua época e autoria. O assunto é a «Mater Dolorosa» na sua figuração mais simples. O artista limitou-se a traduzir a profecia do velho Simeon, «tuam ipisius animam

O NOSSO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO

Os painéis do retábulo

da primitiva igreja da Madre de Deus foram identificados pelo sr. dr. José de Figueiredo

pertransibit gladius», unicamente com a representação da espada que deve atravessar a alma de Maria no momento em que essa espada apenas a toca ligeiramente.

Quanto ao autor do painel em questão, não pode oferecer dúvida que esse artista foi Metsys e que o pintou precisamente na época em que pintou os quatro painéis que já acima mencionámos.

Mostra-o a sua técnica que é bem a

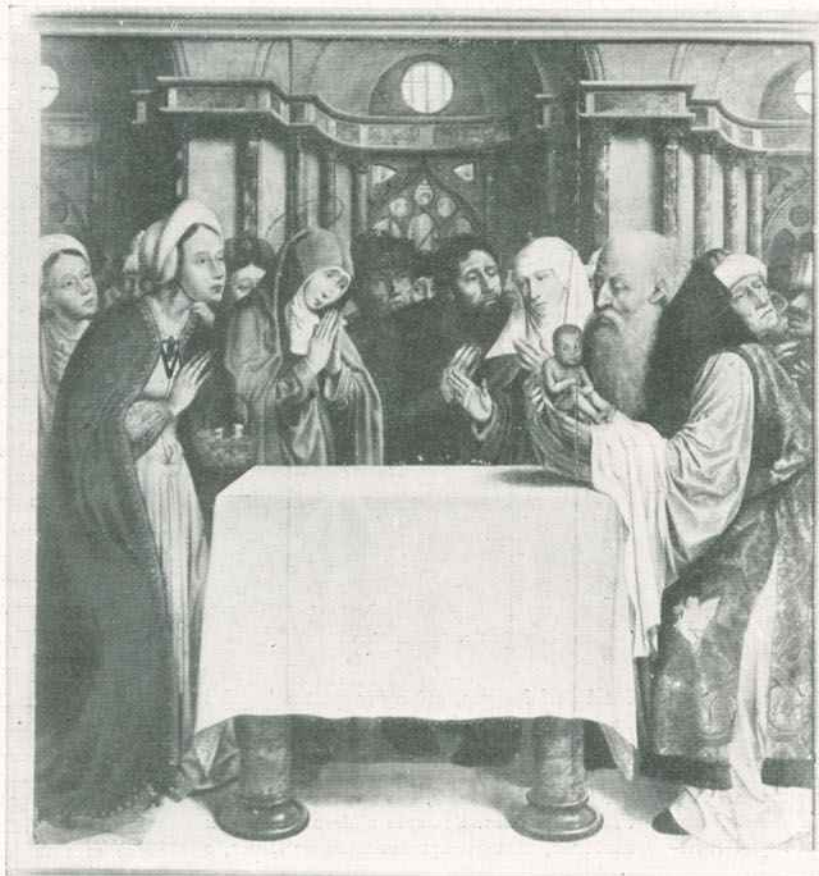
representa «O Calvário» precisa, mais do que todos, dos mais instantes cuidados. Acrescentou o sr. dr. José de Figueiredo que o painel em questão foi cortado interiormente, no sentido horizontal, embora não de lado a lado. E essa mutilação, pelo que conta o cronista da Ordem, Frei Jerónimo de Belém, deve datar de 1752, ano em que uma pintura representando «Nossa Senhora das Angústias», que não pode deixar de identificar-se com aquela, foi mudada do claustro para uma capelinha especial, para ela feita então no mesmo claustro.

O sr. dr. José de Figueiredo concluiu a sua interessante comunicação fazendo notar a oposição do tema deste retábulo em relação ao tema daquele que, três ou quatro décadas mais tarde, D. João III ou sua mulher mandaram fazer para a mesma igreja, a quando da sua ampliação. Enquanto o tema do retábulo primitivo eram as «Dôres de Maria», o assunto do segundo foram as «Alegrias da Virgem».

E a razão disto, no entender do sr. dr. José de Figueiredo, não foi a evolução da iconografia religiosa, como sucedeu nos séculos XIV e XV, em que a igreja, neste ponto, deixou o espírito essencialmente luminoso do século anterior por um espírito mais sombrio e dramático.

O motivo foi, para ele, outro, o de ser sobretudo a «Mater Dolorosa» da primitiva igreja da Madre de Deus, a encarnação da própria dor da Rainha D. Leonor, inconsolável desde a morte trágica do Príncipe D. João.

E como D. Leonor morreu em 1524, e com ela morreu a verdadeira memória do luto que não mais a deixou, os novos doadores da Madre de Deus, a quem o destino ainda não ferira, mudaram de culto, e é isso o que nos dizem os painéis que nos ficaram do segundo retábulo, em que nem um só assunto nos fala das «Dôres de Maria», e antes todos, desde a «Nati-



«A APRESENTAÇÃO NO TEMPLO», DE METSYS

(Quadro vendido pela Condessa de Edla, há anos, e que está em Londres)

que o pintor empregou cerca de 1509, intermédia entre a técnica do retábulo da «Legenda de Santa Ana», do Museu de Bruxelas, e a do tríptico: «O entêro de Cristo» do Museu de Antuérpia. Na nossa «Mater Dolorosa», há ainda a transparência e luminosidade do primeiro daqueles retábulos, qualidade que Metsys obteve com o emprêgo quasi exclusivo da «tempera», juntamente com efeitos mais opacos que acusam um emprêgo, já maior, de matérias oleosas dominantes no tríptico do Museu de Antuérpia e que são a causa do seu relativo escurecimento.

*

Os outros painéis mais pequenos de

vidade» até à «Ascensão de Cristo», nos dizem tôdas as maiores «alegrias» da mãe de Deus.

O sr. dr. José de Figueiredo publicou no *Melanges Hulin De Loo* um curioso estudo intitulado *Metsys e Portugal*. Dêsse trabalho transcrevemos os seguintes trechos :

«...A arte de Quentin Metsys não deixa contudo de pairar, em corpo e em espírito, em Portugal, desde os primeiros anos do século XVI. E dizemos desde os primeiros anos, porque, embora o que dêle ou da sua influência nos resta date sobretudo da segunda década dêsse século, não pode entretanto esquecer-se, nem que, em 1504, era seu discípulo, em Antuérpia, Eduardo, o Português (Edouard Portugalois), artista tão notável e decerto tão aflamengado que, em 1506, é recebido ali, como *franc-maître* na guilda de S. Lucas, nem que, nas táboas mais pequenas, predelas (?), e em algumas das maiores, do retábulo da antiga capela-mór da Sé de Évora, a influência de Albert Bouts é manifesta e este artista parece ter sido um dos mestres ou, pelo menos, suggestionador de Metsys durante os primeiros anos da sua aprendizagem em Louvain.»

«Quando falámos do tríptico do Museu de Coimbra, logo dissemos que, mencionando-o em primeiro lugar, era mais que provável alterarmos a ordem cronológica da vinda de obras de Metsys para Portugal. E assim entendemos que deve ser. Não é crível, na verdade, que as outras pinturas dêste artista que, para cá vieram, tanto as que ainda aqui estão como as que já saíram de cá, não tenham entrado no país antes de 1517. E se temos bem presentes as datas de 1504 e 1506, e a ligação de Portugal com Metsys que a primeira, pelo menos, representa, esta nossa presunção ainda mais se impõe, pois a presença de um português na oficina do mestre envolve logo, com outras presumíveis conseqüências, a sua aproximação dos nossos Feitores, em Antuérpia, por serem estes que tinham a seu cargo o pagamento das pensões concedidas aos portugueses ali a estudar. E a isto acresce a data da inauguração do convento da Madre de Deus, de Lisboa,

e a influência de Metsys que accusam alguns dos pequenos painéis quinhentistas que se encontram ainda no corpo da igreja e que tudo leva a crêr tenham feito parte do retábulo do altar-mór da primitiva capela, o que lhes marea logo uma data nunca posterior a 1509.

Melhor do que isto comprova porém o nosso juízo o provir, igualmente, da Madre de Deus, um grupo de painéis, obras indiscutíveis do grande mestre de Antuérpia, mas das quais, infelizmente, o Museu de Lisboa possui apenas uma. As outras saíram de Portugal, pertencendo agora a que representa «A Apresentação no Templo» ao sr. Harris, de Londres. Justi viu-as quando esteve no nosso país e refere-se-lhes, nos seus «Estudos da Arte espanhola». Considerando-as «ver-

seu a meu cargo, a atribuição que lhe deu o grande crítico alemão, devendo a meu ver, darem-se igualmente a Eduardo, o Português, os painéis análogos que se conhecem, e, entre estes, os do Museu de Lyon e de Madame Darcey, de Paris, e ainda o idêntico que possui o sr. Harris, de Londres, e, que procede também de Portugal, o mesmo já não pode dizer-se pelo que respeita ao «Menino entre os Doutores» e aos outros painéis da mesma série. Estes têm, como já o disse, para a «Apresentação no Templo», «Repouso na fuga para o Egipto», e «Lamentação ao pé da Cruz», o sr. Friedländer, que dar-se a Metsys, por apresentarem tôdas as características que lhe são próprias. E, como obra dêste mestre, valem tanto mais quanto, não devendo ser posteriores a

1509, correspondem assim a um período muito pouco documentado do artista.

O estudo da obra de Metsys vinda para Portugal e dos painéis, existentes entre nós, que accusam a sua influência, apresenta ainda outros aspectos não menos interessantes, embora já não tão precisos. O mais importante de todos, neste ponto, e refiro-me, é claro, só àqueles que até agora pude encontrar, é o que oferece o painel na posse da família da falecida Condessa d'Edla, representando, sobre fundo de ouro, a Virgem com o Menino. Com o carácter das obras típicas de Metsys, num estilo mais linear e duro, que se harmonisa admiravelmente com a uniformidade e qualidade da matéria em que se recorta, este painel, mandado restaurar por D. Fernando II, em Bruxelas, no meado do século XIX, só poderá ser bem estudado depois de submetido a uma

limpeza que permita pôr em evidência o que, na obra, há de verdadeiramente original. E isso impõe-se porque, a ser esta pintura obra de Metsys, será talvez única e virá iluminar fortemente a ainda tão obscura formação artística do mestre.

De artista formado na oficina de Metsys ou, pelo menos, orientado segundo os seus processos, por isso que se a sua técnica procede de técnica do mestre de Antuérpia, as suas composições são, por vezes, quasi rigorosos decalques de composições de artistas muito diversos dêste, possui o museu de Lisboa uma obra por mais de um título interessante.



«O MENINO ENTRE OS DOUTORES», DE METSYS

(Painel legado pela Condessa de Edla ao Museu de Arte Antiga, em 1928)

dadeiras joyas», menciona, além da que é hoje do sr. Harris e da que entrou ultimamente para o Museu de Lisboa e que representa «O Menino entre os Doutores», mais duas : «O repouso na fuga para o Egipto» e «A lamentação ao pé da Cruz». Tinha-as, porém, como obras de portugueses que tivessem estudado em Antuérpia, dando-lhes assim origem análoga à que deu à «Virgem com o Menino entre dois anjos», atribuída por êle então a Eduardo, o português, precisamente o artista que, em 1504, trabalhava naquela cidade, na oficina de Metsys.

Ora, se a atribuição dêste último painel àquele nosso compatriota é plausível e essa pintura conserva, por isso, no Mu-

Mais uma rainha

DESTA vez, Ilustração honra-se em apresentar aos seus leitores o retrato de Mademoiselle



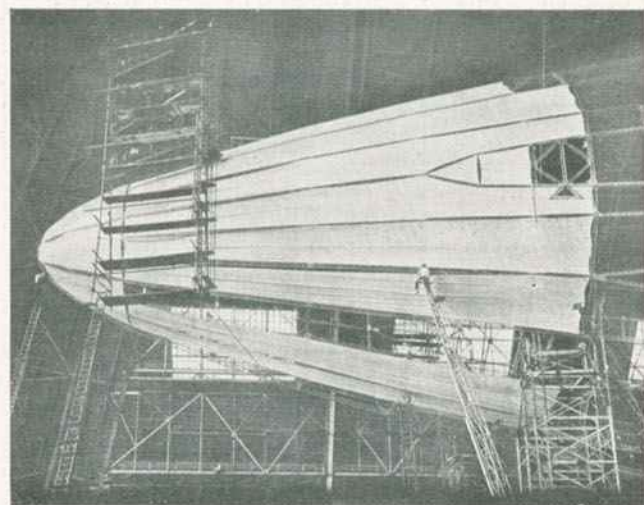
Lombard, recentemente eleita rainha dos jogos florais de Nice e que veste, na fotografia que publicamos, o traje característico da Riviera Francesa.

Colônia inaugurou uma nova igreja

...QUE a nossa gravura reproduz. Como os leitores constatam, a sua construção divergiu,



absolutamente do aspecto tradicional de um templo votado a



O maior dirigível do mundo

Os Estados Unidos estão organizando atentamente os seus serviços de transporte de passageiros em dirigível, não só entre as principais cidades americanas, como entre a América e a Europa, para o que constrói o maior dirigível do mundo, o *Macon*, que será três vezes maior do que o *Conde Zeppelin*.

A nossa gravura mostra parte do dirigível em construção.

Deus. Delineou-a e presidiu ao seu levantamento, o arquitecto alemão professor Dominikus Böhm, sendo o templo votado à memória de Engelbert von Berg, bispo-arcebispo de Colônia, de grande nomeada.

Uma figura do momento

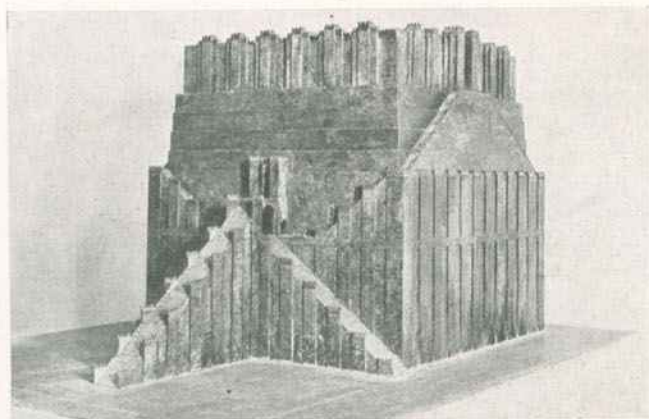
O general Charles G. Dawes é a personalidade na qual se concentram a atenção e o interesse do mundo financeiro americano e, pode dizer-se, mundial. A nossa gravura apresenta-o sentado no seu gabinete em Washington, presidindo aos trabalhos da *Reconstruction Finance Corporation*, organismo criado especialmente para estudar as possibilidades de sanear a crise financeira dos Estados Unidos e cujos resultados, fatalmente, se vêm reflectir na vida económica do mundo inteiro. O governo americano mandou que a sede da re-



ferida corporação estivesse em contacto permanente, telefónico e telegráfico, com os principais centros financeiros da América e da Europa, dizendo-se na América que o general Dawes é a pessoa mais importante do momento, por ao seu emblema estar entregue o destino de biliões de dólares, por assim dizer a fortuna dos E. U. e as de cada cidadão americano.

Como seria a torre de Babel?

SÃOS e investigadores lembram-se, de quando em quando, de discutir certos assuntos que, permeio a vida tumultuosa actual, nos



parecem às vezes de somenos importância, quando, a bem da verdade, se justificam, quasi sempre, quanto mais não seja pelo valor comparativo que possam ter em face das actuais criações da técnica e da indústria modernas. O professor alemão W. Andrae acaba, ao fim de porfiadas investigações, de construir o modelo representado na gravura e que, na sua opinião, corresponde exactamente à histórica Torre de Babel. Pretende o referido professor provar que os nossos antepassados também já construíam arranha-céus...

O rei do aço europeu...

...ERA o sr. Paul Kuehnrich, alemão de nascença, que se estabeleceu em Sheffield, Inglaterra, ali lançando as bases para um grande desenvolvimento da indústria do aço naquele país e na Europa. Muito popular e



generoso, era uma figura típica em Sheffield, havendo, logo após a guerra, antevisto a crise financeira mundial, cujo remédio, em sua opinião, se conjugava unicamente numa aliança entre a Rússia e a Alemanha. Tanto Lloyd George, como o falecido Stresemann, ouvindo falar deste estranho homem enviaram emissários especiais para averiguarem acerca dos seus pontos de vista. O dr. Eckner era seu amigo pessoal. Paul Kuehnrich, o rei do Aço, também era conhecido pelo rei das lâminas de barbear, facto que originou um comentário de espírito muito feliz ao nosso colega *Sempre Fixe*, e contra o qual protestou a fábrica *Gillette*, por querer para si o privilégio desse título.

Pois, Paul Kuehnrich suicidou-se determinado dia, ninguém sabendo ao certo porquê. Perden-se nele um grande industrial e um grande músico.

PELO MUNDO FÓRA

Maravilhas da T. S. F.

A Inglaterra dispensa, como se sabe, particular atenção aos serviços da sua esquadra aérea, sendo a última novidade a trans-



missão radiotelefónica desde os aviões, segundo se vê na gravura.

Dezasseis anos depois...

...FOI prêsso em Nova York o capitão Fritz Duquesne, sob a acusação de ser responsável pelo afundamento do vapor «Ten-



nyson», em que viajava, em 1916, Lord Kitchner. Ei-lo momentos depois da captura.

PELO MUNDO FÓRA

A princesa Teru do Japão...

...A CABA de ingressar na escola primária onde lhe vão ensinar o a... b... e..., e a nossa gravura reproduz um instantâneo obtido no dia em que sua alteza nipônica pela primeira vez saíu de manhãzinha cedo do palácio de seus pais a caminho do colégio. Como se vê, a dignidade do Imperador do Japão que, tradicional e ritualmente, é comparada, pelos seus súditos, à de um ente divino, quebrou desta vez com as pragmáticas e o severo protocolo da corte e quis que sua filha tre-

sentasse um salto dado de uma motocicleta para outra, e quando ambos os veículos corriam a uma velocidade de 50 quilômetros por hora.

A Exposição Mundial em 1933...

...A realizar em Chicago, apresentará aos visitantes a reprodução, histórica e arquitet-



tônicamente perfeita, de um templo chinês, o de Jehol, em cujo interior se admirará, entre outras preciosidades, este enorme Budha. Os trabalhos de construção e ornamento estão entregues ao distinto explorador sueco, dr. Sven Hedin, e ao dr. Costa Montell, seu ajudante e secretário.

Um louco?

JOHN TRANUM, paraquedista célebre da Inglaterra, tenciona meter-se dentro duma espécie de torpedo que será lançado de um avião voando a 5.000 pés de altura. Accionando uma mola, o torpedo abrir-se-á e dará passagem ao sr. Tranum, que espera



chegar são e salvo a terra com auxílio de um pára-quedas. A velocidade da queda do torpedo está calculada em 400 milhas por hora. Resta saber se o arrojado paraquedista conseguirá abrir o torpedo a tempo e horas...

Espirito argentino

Do grande diário *Crítica*, de Buenos Aires, recortámos o seguinte:

— Que vem a ser um preto vestido de branco senão um negativo fotográfico...

— X era um tenor tão amante da verdade, que nunca cantou em falso...

— A palavra *marido* compõe-se de *mar* e de *ido*, ou seja *ido ao mar* por efeito da semelhança que, segundo as pobres vítimas, existe entre uma pessoa se casar... ou se deitar a afogar...

Cada terra com seu uso...

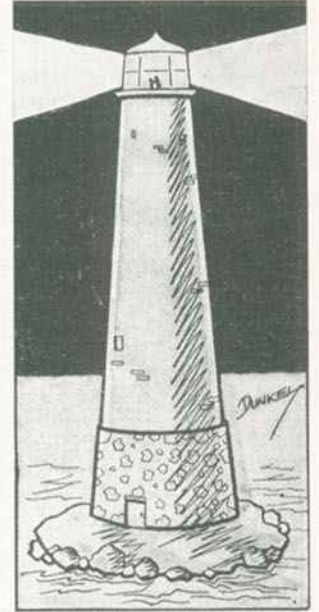
Nas ilhas Andamán quando morre alguém, costuma a respectiva família embrulhar o cadáver num pano, atar-lhe uma corda e deitá-lo ao mar, prendendo a corda em qualquer ponto da praia, para, mais tarde, retirarem a ossada.

Casamento principesco...

...Foi o do filho do raas da Abissínia, celebrado com tôda a pompa e com um esplen-



dor desusado. A nossa gravura mostra-nos o par de nubentes após a cerimónia.



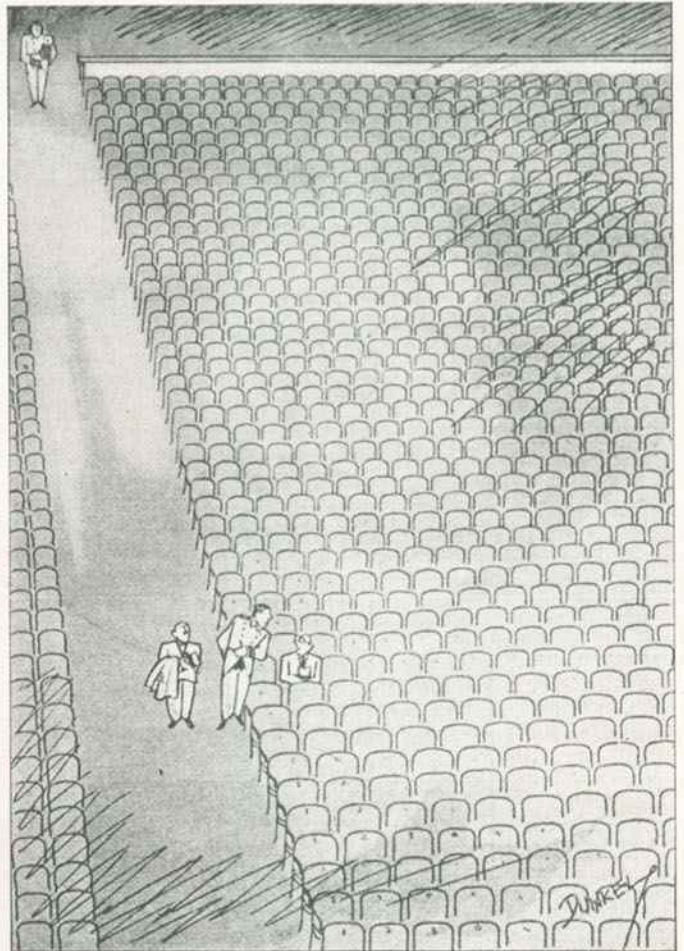
Graça alheia

A FILHA DO GUARDA DO FAROL PARA O NAMORADO:

— AMOR... EU POR MIM APAGAVA A LUZ... MAS TENHO MEDO QUE O PAPÁ BALHE!

(Do «Judge»)

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



CRISE TEATRAL. — O ARRUMADOR PARA O PRIMEIRO ESPECTADOR QUE CHEGOU CONTINGENTE À HORA DO ESPÉCULO:

— QUEIRA DESCULPAR, CAVALHEIRO, MAS ESTÁ SENTADO NO LUGAR DESTA SENHOR...

(Do «L'Espe»)



qüentasse a escola tal qual como outra japonesita qualquer.

Contra a blasfêmia...

...FUNDOU-SE em Paris uma Liga cujos quinze mil sócios pagam à caixa uma multa pesada sempre que rogem uma praga. Por muito mau que corram os tempos, não passa semana alguma sem que o cofre da referida Liga acuse um saldo positivo de uns mil francos cobrados à custa dos maus figados dos associados.

No estadio de Berlim...

...REALIZARAM-SE interessantes demonstrações de jogos olímpicos, durante os quais



o público vitoriosa a proeza de agilidade atlética que arquivamos na gravura junta e que repre-



UMA «TRINDADE» QUE ALLEGROU A VEREJUNA — D. MARIA ANTÔNIA LEITÃO, D. MARIA HELENA DE CASTRO E O SR. FRANCISCO HEREDIA (FILHO)



UM ASPECTO DO «ARRAIAL»



UM GRUPO ANIMADO — D. HELENA BURNAY, HENRIQUE DE VERDE, D. MARIA LUIZA GALVEAS, D. MARIA DO CARMO BURNAY BELO, JOSÉ CORREIA DE SÁ (ASSCA), D. MARIA OLIVEIRA REIS, D. TERESA VERDE E MISS ADAMS

NA BARRACA DAS FRUTAS — CONDESSA CARROBIO, D. NICOLE OULMAN, D. FERNANDA DE CASTRO FERRO, D. MARIA HEREDIA, D. SÓFIA ABECASSIS E D. MERCÊS PLANTIER. À ESQUERDA O SR. GOMES FLIPE



NA QUINTA DA SAÚDE UM «ARRAIAL-POPULAR» DE CARIDADE

Na noite de sábado último, na magnífica Quinta da Saúde, propriedade da sr.^a D. Sofia Buzaglo Abecassis e do sr. Fortunato Abecassis, à rua da Estrela, realizou-se um «arraial popular» de caridade, organizado por uma comissão de

senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Angelita Carvajal Teles da Silva, Condessa de Carrobio, D. Jeanne Rey Colaço de Castro Freire, D. Maria Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Sára Abecassis Seruya, Senhora de Albert Oulman, D. Sidália Guedes de Andrade Santos e D. Sofia Buzaglo Abecassis, cujo produto se destinava a favor do Dispensário Infantil e Colônia Balnear.

Além dos divertimentos que são de uso nestes folguedos populares, houve descantes e danças por um gracioso grupo de raparigas

e rapazes da nossa melhor sociedade, que se apresentaram com trajos regionais, de lindo efeito.

O aspecto da Quinta da Saúde, nessa noite, era verdadeiramente férreo, tendo a comissão aproveitado bem o acidentado do terreno.

Na assistência via-se tudo o que há de melhor na nossa sociedade elegante.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

V. e S.

(Fotos Serra Ribeiro)

CINEMA

Revista das Estreias

É fraco o balanço das estreias realizadas no período que esta crônica abrange. É preciso, talvez, ver nisso o efeito das festas de Junho que tiram aos cinemas uma parte apreciável do público e — donde deriva um certo retraimento dos exibidores. Ao calor não pode o facto ser atribuído, pois que algumas produções de envergadura, e entre elas *Atlantida*, se anunciam ainda para esta época.

O que é certo é que, por uma destas razões, um dos nossos primeiros cinemas, o S. Luiz, interrompeu as belas tradições do seu *écran* para nos apresentar esse filme mediocre que é *A espada errante*.

Como reconstituição histórica este filme de Ramon Navarro é do pior que a América tem exportado. A figura de Napoleão que anima as cenas iniciais do filme é ridícula. A sua oração de despedida aos soldados da guarda

imperial, declamada em grandes tiradas de jeito dramático, é, simplesmente, detestável. E por todo o filme abundam os anacronismos evidentes.

O filme é, acima de tudo, um filme musical. Quere isto dizer que tem já alguns anos de idade e que pertence ainda a esse género de filmes recheados de canções que fizeram a fortuna dos primeiros tempos do fonocinema. Em *Espada Errante* ainda se canta a propósito de tudo, e as mais das vezes sem propósito algum. O público compreendeu-o bem e sublinhou com sorrisos significativos algumas passagens.

Ramon Navarro representa um pouco abaixo dos seus méritos. Achamo-lo pouco à vontade dentro deste seu novo papel. Em compensação canta admiravelmente, com uma voz harmoniosa, bem timbrada, e revelando um conhecimento profundo desta arte.

Sob alguns aspectos foi ainda *O Faroleiro* a obra mais marcante entre nós estreada. Não nos agradou por completo a obra de Dupont. Tem pouca unidade. Mas tem passagens de excelente cinema, sucessões de imagens violentas e poderosas, servidas por uma técnica fotográfica admirável. E isso dá-lhe direito à nossa admiração, sobretudo agora que as obras fortemente definidas escasseiam.

O Faroleiro é, por assim dizer, uma sinfonia monocórdica. É por isso que à primeira impressão a obra apresenta uma certa monotonia. Afinal essa monotonia é a consequência dum ritmo muito especial imposto pela acção. Compreende-se bem que o tempo decorra assim lento e igual para três seres perdidos nas paragens remotas dum farol da Oceania. Só as paixões se desenvolvem violentas e irremediáveis e são elas que constituem a acção.

Há, apesar de tudo, no filme cenas demasiado longas que em nada beneficiam o conjunto. Outro defeito a registar é a gravação sonora que é bastante deficiente.

Finalmente, a estreia mais ansiosamente esperada foi, sem dúvida, *A Fera Amansada*. Por nossa parte esperamo-la sempre com receio. Um receio misturado de curiosidade. Temos pelo Douglas e pela Mary Pickford a veneração de cinéfilos da velha guarda. Temíamos, portanto, vê-los descer a nossos olhos, ver quebrar o seu prestígio ante a sombra formidável de Shakespeare.

Foi com prazer que reconhecemos serem esses receios infundados.



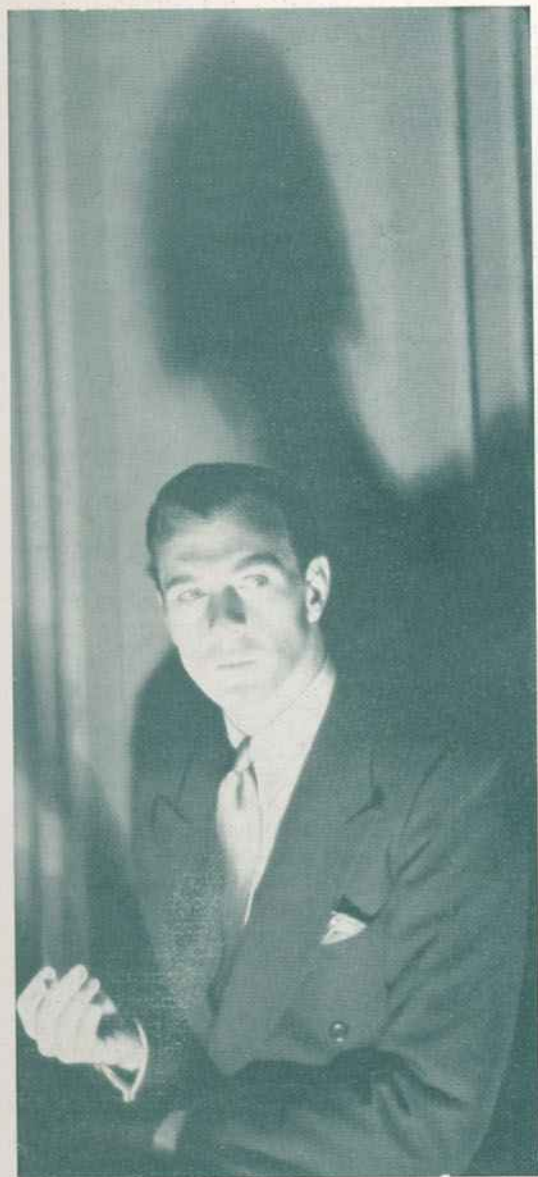
JOAN MARSH, UMA BELEZA FASCINADORA E ESTRANHA

Na verdade, para ir buscar a uma comédia do grande dramaturgo inglês o entreccho dum filme, é preciso ser-se genial ou inconsciente. Douglas não é nem uma nem outra coisa. É um rapaz simpático e optimista, que não teme as dificuldades e que as vence com o seu sorriso.

Desta vez bem se pode dizer que venceu. Porque, mal a sua figura atlética se exibiu no *écran*, logo os nossos temores se dissiparam. Douglas lá estava sorridente, procurando tirar do movimento todo o partido possível. A breve trecho o seu riso contagiava-se à sala. E então durante duas horas é um nunca acabar de situações cómicas, de bons *gags*, tudo optimista, alegre, saudável como convém a um filme de Douglas.

Mary Pickford a seu lado fica um tanto diminuída. Sentem-se nela, muito mais que em seu marido, os inexoráveis estragos do tempo. Douglas, esse continua jovem. É um símbolo de alegria e mocidade. E os símbolos não podem envelhecer.

Manuel L. Rodrigues.



UMA ATITUDE CONCENTRADA DO MÁSCULO GARY COOPER

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Chuva de "estrelas,"

A quinzena decorrida fica assinalada por um facto pouco vulgar — a chegada a Lisboa dum grupo de artistas estrangeiros que vêm realizar no nosso país algumas cenas dum filme em preparação.

Este facto deu ensejo ao público cinéfilo de conhecer em pessoa algumas figuras famosas do écran. Entre outros Jean Murat, o excelente galã francês que ainda há pouco vimos em «Um homem com sorte», e Peter Lorre, o impressionante vampiro de «Matou».

Jean Murat deu, talvez, uma pequenina, insignificante decepção às suas admiradoras. Transposta para a vida real, a sua figura máscula e dominadora da tela perde um tanto da sua personalidade. Peter Lorre, pelo contrário, foi uma surpresa para todos. A ninguém tinha ocorrido que o intérprete da figura sinistra e sombria do vampiro pudesse ser esse rapaz simpático e jovial que o «General Osório» desembarcou em Lisboa. Quasi todos nós estávamos bem mais perto de o supor um verdadeiro psicópata que tivesse vivido, e não representado, o seu papel.

A escolha da nossa capital para a filmagem de algumas cenas desse filme, que terá por título «Estupefacientes», surpreendeu-nos e sensibilizou-nos. De resto, ela é bastante lógica. Portugal é um dos raros países quasi inéditos no écran. As suas belezas naturais como os seus aspectos monumentais só raríssimas vezes têm percorrido os écrans estrangeiros. Para mais a luz puríssima do nosso céu dá-nos direito à consideração dos operadores cinematográficos.

Jean Murat, que agora nos visita, tem, por certo, de Portugal algumas saudosas recordações. Foi entre nós que o conhecido artista deu os primeiros passos da sua triunfante carreira, interpretando em Coimbra «A Fonte dos Amores». As contingências da vida de actor cinematográfico deram-lhe agora, em pleno êxito, a oportunidade de voltar ao nosso país e de aqui interpretar um filme que desejamos segue o melhor da sua carreira artística.

Esta embaixada dos grandes centros da cinematografia europeia veio dar uma nota de animação ao escasso movimento cinematográfico português. Oxalá as belezas naturais do nosso país e o acolhimento amigável do nosso público tentem outros realizadores a filmar aqui algumas das suas produções. — M. R.

Ramon Novarro voltou a fazer ouvir entre nós aquela bela voz que em «O Pagão» se havia já revelado. E isso veio, quanto a nós, aumentar ainda mais o seu prestígio.

Ramon é, na realidade, um excelente cantor. O fonocinema veio encontrá-lo, por circunstância propícia, longamente preparado na difícil arte do canto e dotado de decidida vocação por essa modalidade da arte.

De que modo terá influido a voz de Ramon no seu prestígio junto do público feminino que o admira?

Cremos não andar longe da verdade pensando que a influência foi das mais felizes. O galã romântico que era o Ramon dos filmes silenciosos fica admiravelmente completado por essa voz quente e perturbadora que canta poemas de amor.

E não faltarão, decerto, cabecitas adoráveis que no isolamento dum quarto evoquem a magia dessa voz romântica que tão bem se harmoniza com a figura sedutora do galã que admiram...

Parece assente que a actividade da «Sociedade de Filmes Sonoros Tobis Klang-Film» se iniciará com a realização de versões portuguesas, pelo processo de *dubbing*, de algumas grandes produções europeias.

Há muito de condenável, como já temos



UM TRIO DE BOM HUMOR: DOROTHY LEE, ROBERT WOOLSEY E ZELMA O'NEAL

tido ocasião de dizer, no processo *dubbing* que consiste em substituir os diálogos numa língua por outros, devidamente, traduzidos. Este processo, além de implicar uma longa paciência, subordina a diversa contingências o recorte literário do diálogo e é, necessariamente, nocivo à naturalidade da dicção.

Por outro lado, porém, éle permite-nos não perder o contacto com a produção internacional e isso basta para justificar a sua necessidade.

Acertadamente procedem, portanto, os dirigentes da nova organização cinematográfica nacional, encarando como uma das primeiras aplicações da actividade do futuro estúdio a realizações de versões dialogadas em português. Essas versões servirão para ir respondendo às exigências do mercado e poderão constituir útil experiência para os que se dispõem a correr o risco de enfrentar o microfone.

O fonocinema tem destas contradições curiosas:

Há muito que os alemães não ouvem no écran a voz da sua mais famosa artista cinematográfica, a bela Marlene Dietrich.

A explicação do facto é simples. Contratada pela América, Marlene que possuía grandes conhecimentos da língua inglesa passou a interpretar neste idioma todos os seus filmes. A sua legítima vaidade de artista tem-na feito sempre opôr-se a que a sua voz seja substituída pelo processo *dubbing* em versões alemãs. Por outro lado o tempo da célebre actriz é demasiado precioso para que a empresa produtora a faça interpretar versões alemãs menos remuneradoras.

Resulta disto que nenhum filme de Marlene é falado na sua própria língua e que nenhum é exibido na sua pátria porque o orgulho dos alemães não sofriria ver a sua artista falando um idioma estranho.

E aqui têm como uma série de circunstâncias fechou a um artista os cinemas do seu próprio país.



KAREN MORLEY, UMA BELIZA SIMPLES E ATRAENTE

CINEMA

MALEFICIOS

A par das suas incontestáveis qualidades o cinema também tem os seus defeitos. Não são eles, porém, tão numerosos nem tão inevitáveis que possam influir de modo sensível no valor que é mister reconhecer-lhe.

Quasi todos esses defeitos têm a sua origem na escolha dos assuntos que servem de base à produção de filmes. Segue-se, portanto, que duma mais criteriosa escolha de temas para produção resultaria o desaparecimento de muitos dos inconvenientes que hoje é possível apontar ao cinema.

Tolstói, no seu popular romance «Sonata à Kreutzer», expõe através dum personagem a ideia de que o Estado deveria assumir o exclusivo da música, exercê-lo como uma arma, utilizar o seu enorme poder de sugestão como meio de governar os povos. A ideia é evidentemente utópica, mas não deixa por isso de conter um rasgo de genial observação. De facto, a arte dos sons pode em muitas circunstâncias exercer uma influência profunda no seio dos indivíduos e das multidões. E essa influência pode em alguns casos ser nefasta.

O que Tolstói escreveu da música poderia hoje aplicar-se ao cinema. E com dobradas razões agora que ele, ao poder de sugestão das imagens, acrescentou a sedução da música.

Guiado apenas por meras preocupações especulativas o cinema tem procurado sempre ir ao encontro das predilecções do público e isso tem-no conduzido, muitas vezes, a satisfazer a parte mais grosseira das suas paixões.

Os malefícios do cinema começaram com os longos filmes de séries que marcaram o início da sua popularidade. O carácter rocamboloso dessas obras, em que a imaginação dos argumentistas se engenhava em multiplicar os processos de crime mais singulares, exercen uma detestável influência que toda a nossa admiração pela arte das imagens animadas não leva a ocultar.

Se na verdade quasi todos os espectadores entusiastas desse género de aventuras que se decidiram a reproduzi-las na vida real tiveram o seu epílogo num castigo severo dos progenitores ou na polícia correcional, alguns casos houve que assumiram aspecto mais grave. Poderia citar-se grande número de ca-

sos de criminosos que revelaram ter sido induzidos à prática dos seus delitos pela exibição de determinado filme.

Mais modernamente, os filmes de *gangsters* vieram ocupar o lugar que as películas policiais em séries haviam deixado vago. A sua influência não tem sido por certo menos deletéria.

Poderia argumentar-se em favor destes filmes que a sua maioria tem uma finalidade perfeitamente moral em que o crime recebe o merecido castigo e a virtude é sempre galar-doada. A verdade é que isso pouco influe. Um filme impressiona, em primeiro lugar, pelas imagens que o formam e só mais remotamente pela ideia que dêle resulta. Principalmente quando se dirige a um público de rudimentar cultura.

Ainda há pouco tempo que o célebre filme «The Big House», exibido entre nós com o título de «O Presídio», e cuja acção gira em torno duma revolta de presidiários, exerciu uma acção importante na célebre insurreição dos presos de Dartmoor, cujo plano apresentava muitas analogias com o que no filme constituía parte fundamental da acção. É evidente que o filme não fora exibido perante os

sobreveio uma meningite, tendo morrido quarenta e oito horas depois.

O outro incidente que está ligado ao impressionante filme de Fritz Lang, e que nos é por menorizadamente relatado por um grande periódico de Budapeste, é o caso dum desequilibrado que, suggestionado pelas imagens do filme, reeditou alguns dos seus monstruosos crimes.

Constantinescu, o autor dessas hediondas proezas, assistiu um dia à projecção do filme em Bucarest. Uma coincidência de taras despertou-lhe os repugnantes instintos que não se tinham até então revelado. Após o espectáculo percorreu algumas ruas da cidade, como louco. Através duma janela aberta chegaram até ele os sons da música do filme que um aparelho de telefonia reproduzia. Levado por sinistro impulso penetra na casa e assassina uma mulher e uma criança. Em vão a polícia procura a sua pista. O crime fica impune.

Algum tempo mais tarde o filme é exibido num cinema dos arredores da cidade. Constantinescu lá está olhando fixamente o *écran*, com a fronte orvalhada de suor e dando mostras de violenta agitação. Sai antes de terminar o espectáculo. Perto do cinema há uns vastos terrenos incultos. Passa nesse momento uma criança. Um grito lancinante ecoa no espaço. Mas desta vez não é a impunidade que espera o novo vampiro. Alarmada pelo grito a multidão persegue o monstro e a força pública luta com as maiores dificuldades para o livrar das iras da população enfurecida. Finalmente, semi-morto, Constantinescu é conduzido a um comissariado de Polícia onde fica preso. A partir de então, o mais terrível destino espera o criminoso. O émulo do vampiro acabará os seus dias nas minas sombrias e insalubres do sal-gema.

Citando todos estes factos não pretendemos ofuscar o extraordinário valor que é forçoso reconhecer ao cinema. Temos apenas em vista chamar a atenção dos que, por qualquer modo, intervêm no assunto, para a importante influência que o cinema pode exercer e para os perigos dessa influência quando orientada num sentido pernicioso.

De resto, como já dissemos, esses malefícios pouco significam quando postos em confronto com as magnificas qualidades que impõem o cinema como processo incomparável de difusão da cultura. Bastaria para que eles desaparecessem que essas qualidades fossem orientadas e que se destruísse o conceito errado de que o espectáculo cinematográfico não pode ser, simultaneamente, prazer dos olhos e proveito do espírito.



FRANCES DEE NUMA ATITUDE CHEIA DE INTIMIDADE

presidiários. Mas no inquérito a que se procedeu, averiguou-se que alguns dos detidos mais recentes conheciam o filme e que fora contando entre si o que haviam visto que a ideia da revolta surgira.

O filme *Matou!*, a última obra de Fritz Lang, construído sobre um argumento que pertence mais à patologia do que à arte, ficou assinalado por dois trágicos acontecimentos.

O primeiro foi o caso duma espectadora excessivamente nervosa que sofreu forte comoção cerebral quando assistia à sua exibição, porque lhe acudiu de súbito à imaginação a visão terrível do monstro estrangulando uma filha pequenita que deixara em casa. Tão violenta foi a comoção produzida que lhe



ICHIKAWA SAKANJI — ACTOR GIGANTE, DESENHO DE UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS, NOTORIO PRINCIPAL EXAGERADO TEATRO DE KVA.

O teatro nasceu na Grécia. No entanto, antes do seu nascimento, já existiam manifestações teatrais no mundo. Os bailes e as danças constituem, por assim dizer, as mais remotas formas da arte cênica. Estas primeiras manifestações dramáticas são as pre-históricas danças mímicas. Algumas vezes eram acompanhadas de música e de cantos corais, e o seu fim era afogentar os espíritos malignos.

Antes da Tespis, o teatro reduzia-se ao corifeu, que contava aventuras de um herói ou dum deus e um coro acompanhava-o e interrompia-o, de vez em quando com perguntas e com exclama-



ICHIKAWA KUZŌ — ACTOR DE SUCESSO, É O MELHOR VILÃO VISTO EM TAMBÉM DO TEATRO DE TŌKIYO.

ções, de alegria ou de dor. Tespis, então, veio revolucionar esta espécie de representações. Encarnando um herói, declamava já com largos gestos. Tespis, que era natural de Icária, nasceu 540 anos antes de Cristo.

O primeiro teatro — tablado, por outra — conhecido, foi o de Dionísio, que foi descoberto em 4765 pelo investigador Chandler.

No tempo de Sófocles já o pano se usava. Os cenários remontam a Agatão.

Conforme o gênero que se representava, assim o cenário: se era comédia, o cenário mostrava-nos um interior ou uma rua, se era sátria, grutas e bosques, e se era tragédia, templos e palácios.

Mas... vamos ao teatro japonês. Pouco se conhece no Ocidente. No entanto, sabe-se que há hoje em Tóquio



ICHIKAWA HANSHICHI — UM NOTORIO, JEREMIA DOGADO DO TEATRO DE UMA FAMÍLIA DE DANÇADORES.

alguns teatros modernos, como o «Teigeki» e o «Kubaki», que é considerado o teatro normal.

Buscando na literatura portuguesa uma descrição do teatro japonês, só a encontramos em Wenceslau de Moraes, esse escritor que era alguém nas letras, conforme disse Filho.

Folheando o seu «Dai-Nippon», depáramos com uma página soberba sobre o teatro nipônico de há trinta anos. Ei-la, embora hoje, julgamos, muito tenha mudado:

«Não se imagina cena mais fresca, mais risonha, do que esta dum vasto salão de teatro, invadido por uma turba de *kinsnos*, por mil e uma cubelinas pompejantes, e onde as ventarolas, agitadas-se todas a um tempo, dão a ilusão dum bando imenso de pombas bran-

O TEATRO JAPONÊS

VISTO ATRAVÉS SEUS ARTISTAS

PELO GRANDE PIR SHUNSEN NATORI

cas, em palpitações, de asas abertas, pairando sobre o povo.

As *mushimés*, as crianças, os rapazes, vêm chegando à formiga, deixando, à entrada, um monte de sandálias e de sócos; e no xadrez do chão esteirado, feito por longas ripas em cruz, cada qual ocupa o seu rectângulo, acocorando-se.

As *mushimés* descalçam as meias como nós descalçáramos as luvas, agacham-se, fazem-se pequeninas e redondinhas como novelas de seda que tivessem milos e cabeça; e fumam, munidas do brazeiro e do *cachimbo*; e chamam as criadas, os vendilhões, e mercadejam refrescos, doces, que dedinhos alvos aprendem, que lócas em cereja saboream. De quando em quando, no fim de cada drama, risadas de bebês explodem, comentários alegres, sandálgões; e a turba agita-se, gestucula, serpenteia, percorre em pés descalços as ripas do sobrado.

Uma orquestra invisível faz ouvir os seus estranhos acordes, de pauca-



KATSURAGI KIZARABON — UM DOS BANDOS METEORITOS — UCHIYAMA KICHIJIRO — DANÇADOR DE FLORES.



NAKAMURA UTAEMON — ACTOR DO TEATRO DE ENJAKU — COORDENADOR DO SILLADO ACTOR DE OVAIA.



ICHIKAWA SHUNJIRO — NOTO DO GRANDE CRIANÇA — UCHIYAMA KICHIJIRO — DANÇADOR DE FLORES.

da, de cordas gembundas; e por vezes usa da palavra, para explicar passagens mais difíceis.

Quanto ao espectáculo, varia em motivos guerreiros, colhidos na lenda, e em humorismos da época. Há um palco, que é uma plataforma móvel, que vai girando em torno do seu eixo, conforme as exigências das mutações, suprimindo os intervalos de cena para a cena.

O drama ou a farsa desenrola-se; os actores exibem-se, sempre os actores, porque as mulheres são excluídas do mister; os actores exibem-se ou em rutilantes vestes de príncipes ou em crias suaves de operários, acontecendo através-sarem todo o recinto destinado ao público, usando então dum passadiço que lhes é privativo; ora provocando risos estridentes, que não se reprimem, ora prantos mudos, os únicos prantos das *mushimés*, em que elas embelem os seus lençóis de finos crepes perfumados; o ponto, todo vestido de preto, como

que para não ser visto, corre dum sujeito a outro, infatigável, segredando-lhe pelas costas o seu papel.

O teatro japonês cultiva um naturalismo estranho, minucioso nos ínfimos detalhes, por vezes uma perfeição inconcebível.

Não é o enredo, o mistério sentimental do drama, que procura interessar o espectador; é o jogo físico, mecânico, que sugere a vista, e assim encaminha por indução o espírito a um grau de sentimentalidade involvidável e vaga, que borboleteia certamente em cada um em mil divagações, de cada um se constituiu o exclusivo autor; um surdo poderá compreender o drama, um cego nunca.

Acontece passar-se meia hora a seguir-se atentamente a fisionomia dum comediante, silencioso embora, mas apresentando sucessivamente todas as rugas da fronte, todos os relampejos do olhar, todas as contracções musculares que uma



BANDO SHUNCHO — ARTISTA QUE SE DEVOU ESPECIALMENTE À INTERPRETAÇÃO DE OBRAS FEMINEAS.

paixão veemente, fermentando na alma, estampa no espelho do rosto.

Se é um campo, zumbem as cigarras no arvoredo e os grilos nos covis, e passam das vagalúnes às chamuscas azuladas.

Se se desencadeia a tempestade, fuzilam raios, zomba o trovão, cai chuva sobre o palco.

Se o lance o exige, os personagens rasgam as vestes, mostram-se nus ao público.

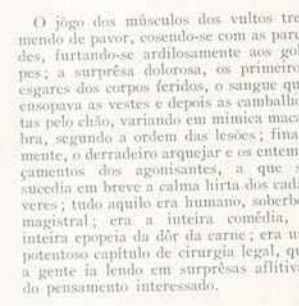
E o incêndio devora o povoado, verdadeiras labaredas lambem os bastidores.

Eu não lhes vou contar todas as minhas reminiscências do teatro japonês.

A última cena a que assisti, apresentava não sei que sinistro vingador, logrando penetrar num lar, extorquir em luz, ferir às cegas, sobre um punho, uma família inteira.



MATSUYAMA KOSHIRŌ — NOTO DO MELHOR ACTOR DE OBRAS FEMINEAS. É TAMBÉM UM DOS MELHORES CRIANÇAS DE DANÇA.



NAKAMURA UTAEMON — ACTOR QUE DEVOU ESPECIALMENTE À INTERPRETAÇÃO DE OBRAS FEMINEAS DE DANÇA.



Soliloquos e Comentários



Todos os domingos na Carreira de Tiro de Pedrouços eu penso que a instrução de tiro deveria ser obrigatória para todo o

varão. Obrigatória para o militar, com prémios para os que se distinguissem; obrigatória para o paisano que, atirador de 2.^a classe, teria uma isenção parcial do serviço militar; obrigatória para os estudantes; obrigatória para os que não pegam em livro. Um povo de bons atiradores é, necessariamente, um povo independente e de grandes virtudes cívicas, visto que a instrução de tiro pressupõe virtudes e qualidades como a paciência, a decisão, o sangue frio, etc. Num país onde todos fossem bons atiradores as revoluções seriam impossíveis, visto que ninguém se prestaria a atirar tendo antecipadamente a certeza de que por cada tiro que lhe saísse do cano da espingarda seria uma cova que se abria...

*

A instrução de tiro, dentro de poucos anos será toda de metralhadora e de granadas de mão. A espingarda é já um instrumento fóssil, estando para a metralhadora como uma bicicleta está para uma das motos modernas, ou um *char-à-bancs* para um automóvel de luxo.

*

Alta noite examino o meu coração com o mesmo atento cuidado com que examinaria o motor do meu carro. E estou contente com êle. Bate rítmico, fiel, sempre cheio de fé, sempre pleno de entusiasmo, sempre transbordante de ternura. Como queres tu, meu amor, que a vida me não pareça bela se o meu único amigo se mantém sem desertar, nesta hora da humanidade em que o amor é ódio, a paz é guerra, a gratidão esquecimento e a honestidade máscara de traições abjectas!?

Quando o interrogio se êle não falará, nesta hora de falências, êle diz-me que não seja tonto e que para me distraír leia as *Palavras Cínicas*, de que saíu agora o 60.^o milhar. Eu calo-me e não o quero acordar do seu belo sonho de fé, de entusiasmo e de ternura, lembrando-lhe... que foi êle que as escreveu.

*

Ouçõ as tuas palavras, as palavras com que a tua voz cantante embaia o meu coração. São carinhosas, veludneas. Mas a Dúvida vem segredar-me que não creia. Finjo acreditar e espero que ela volte costas para me atirar, sô-frego, aos teus beijos, atacando a tua boca com o ímpeto com que um estudante

ataca o seu *lunch*, o *lunch* que êle tem nos olhos, no paladar e no olfato e pelo qual, ansioso, espera a hora de o morder.

Desconfio que faço mal em não acreditar no que me diz a Dúvida.

*

Não queiras tudo quanto podes que é para julgares que podes muito mais do que o que queres. A ilusão é boa e aligeira a grandeza de muita gente. Porque não serás tu dessa muita gente?

*

Os escritores vistos por um bêbedo :
O dr. Júlio Dantas é Pôrto velho ; o sr. Antero de Figueiredo, aniz escarchado ; o sr. Manuel Ribeiro, óptimo vinho de mina ; o sr. Ferreira de Castro, cachaça baiana ; o sr. Bento Mântua, cognac velho ; o sr. Correia de Oliveira, xarope de groseilha ; o sr. Forjaz de Sampaio, bagaceira ordinária. Os jornais são vinhos do termo, Colares, Cartaxo, Samouco, etc. Os poetas são todos soda... para atrasar. Quando lê um pro-



sador lê dois poetas, de forma que é um com dois cortados. Tudo coisas ordinárias, muitíssimo ordinárias, que dão engulhos aos papo-sêcos.

*

Os que querem aprender a Vida, como se aprende medicina, isto é, nos outros, erram o seu desejo. A Vida aprende-se vivendo-a e cada dia que passa é uma lição. Para que servem as teorias, os lindos sonhos, os planos gloriosamente traçados? Um abanão do Destino faz mudar a face ao mundo, um sopro da Sorte ou da Infelicidade de quantos heróis não faz assassinos e não leva ao trono homens que deveriam estar em Cayenna, de grilhetas aos pés!

*

Um sujeito meu conhecido entrou no céu por ser compadre de um contínuo de S. Pedro. E diz êle que por lá há também muita política. Por exemplo:

a sogra e a mulher do Diabo estão no céu. E Satanaz jurou que se o Criador caísse na arara de lhas mandar para o Inferno fazia uma marcha fásocio-diabólica sobre o Paraíso, que se acabava o mundo.

*

Os poetas continuam a ser multidão, mas multidão desorientada e sem valor na maioria que a constitui. Ainda se verbera em verso o *jasuitismo* e ainda os olhos de Elvira ocupam duzentas páginas em várias medidas. Um poeta novo publica na capa a quadra de Bocage :

*Incultas produções da mocidade
exponho a vossos olhos, ó leitores ;
vêde-as com mágua, vêde-as com piedade
que elas buscam piedade e não louvores...*

É atentatório do brio literário a piedade do leitor. Se as produções a merecem, para que as publicar?

*

Do mesmo poeta :

*A luz d'aurora rompia
rompia a luz matinal
vi a môça luzidia
vai o pobre sem bernal.*

A môça luzidia, não lembra ao Diabo!

*

IDEM, idem :

*Ao Palácio da Verdade foi um dia
minha alma bater à córnea entrada,
etc.*

Atira-se aos padres e diz :

*Ei-los, ó fanáticos, a extensa sacristia,
balcão de Xerez, Pôrto, Madeira e Aniz,
servidos por mulheres de nua carestia.*

o que poderia aumentar-se com Colares, Samouco, Serra-dayres, Moscatel e como são vinhos vulgares serem então servidos por mulheres de nua baratia.

E há gente que não tem sorte, corações que não têm amor, estômagos que não têm pão, corpos que não têm vestes, almas que não têm abrigo, e não há um céu velho, um *arranha-céus*, um simples vaso de mangerico que venha de um sexto andar cair direitinho sobre o poeta! Talvez fôsse por isso que o Silveira, um poeta que só fazia versos quando estava bêbedo, e estava bêbedo constantemente, cantava :

*A vida corre-me torta,
A sorte fugiu-me tôda,
Se morrer pouco me importa
Quem cá ficar que os ature.*

Não rimava, mas êle também não se importava nada com isso,

Albino Forjaz de Sampaio.

A C T U A L I D A D E S



UMA HOMENAGEM — REALIZOU-SE HÁ DIAS, NO AVENIDA PALACE, O ANÍMICO DE HOMENAGEM AOS SRS. SALOMÉO SERUYA, ALBERTO SOARES RIBEIRO E EDUARDO ANDRÉS NOVAIS, EX-PRESIDENTE E EX-SECRETÁRIOS DA SECÇÃO DE CONSERVAS DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, PROMOVIDO PELA MESMA SECÇÃO. PRESIDIU O SR. CARLOS QUEIROZ, VICE-PRESIDENTE EM EXERCÍCIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, ESTANDO PRESENTES ALGUMAS DAS MAIS CONSIDERÁVEIS FIRMAS DA NOSSA PRAÇA E MUITOS AMIGOS DOS HOMENAGIADOS, ENTRE OS QUAIS OS ILUSTRES CLÍNICOS DRS. LEONARDO DE CASTRO FREIRE E CARLOS SANTOS, FILHO. AO CHAMPANHE, O SR. DIAS DANIEL INICIU A SÉRIE DE BRINDES, TENDO FALADO DEPOIS OS SRS. CARLOS QUEIROZ, J. NAUGHTON, DR. CARLOS SANTOS (FILHO), ALVARO DE LACERDA, ENGENHEIRO LIMA BASTO E REIS DE CARVALHO.



O CINEMA MUNDIAL. — Vindos a bordo do *General Osório*, chegaram a Lisboa, na última semana, onde veem filmar algumas cenas da lita *Estupefacientes*, diversos artistas cinematográficos da U. F. A.

Entre eles, encontram-se em Lisboa, Jean Murat, que iniciou a sua carreira de actor cinematográfico em Portugal, na película *Fonte dos Amores*; Hans Albers, artista de renome; mademoiselle Trud von Mollo, Peter Lorre, Arland, Lucien Callamand, Kurt Geron, Karl Hoffman, Holder e Le Bon, etc.

Depois de vistos os locais de filmagem, esta iniciar-se-á sem demoras, nalguns locais característicos da cidade e dos seus arredores.

Os recém-chegados foram cumprimentados a bordo pelo actor Erico Braga, presidente do Grémio dos Artistas Teatrais.

Trouxeram um camião sonoro e outro com aparelhos de tomadas de vistas e material eléctrico, os quais serão utilizados nas filmagens a efectuar.

Os locais escolhidos foram Estoril, Cascais, Sintra, bairro de Alfama e Arco da Rua Augusta.

Na gravura vê-se Jean Murat e Peter Lorre, o admirável intérprete do filme *Matou*.

WASHINGTON LUIZ — O ex-presidente da República Brasileira, sr. dr. Washington Luiz, que tem estado entre nós, foi recebido há dias no Grémio de Trás-os-Montes, onde lhe foi oferecida uma festa em sua homenagem. O ilustre homem público, ao ingressar na sala para ocupar a presidência da sessão, foi alvo duma prolongada e carinhosa ovação. Usaram da palavra os srs. drs. Ferreira Deusdado, José Pontes e Júlio Vilela, que saúdaram o homenageado, o primeiro em nome do Grémio, o segundo, focando a sua personalidade política, e o terceiro, como natural de Alijó, terra dos antepassados do sr. dr. Washington Luiz. Por fim, o antigo presidente da República do Brasil agradeceu as referências feitas ao seu nome e ao Brasil.



VEIGA Simões, diplomata e escritor da rara linhagem dos criadores de doutrinas e de sistemas, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, e artista de uma rara e requintada sensibilidade, lançou no mercado um precioso volume, contendo as conferências realizadas na Academia de Direito Internacional, conferências que justamente prenderam a atenção daqueles que procuram encontrar soluções para a tremenda crise que avassala o mundo, contagiando todos os povos e raças. Profundo conhecedor dos males de que enferma todo o envelhecido e decrépito sistema económico que nos governa, e à volta do qual se têm feito os mais severos e sombrios prognósticos, Veiga Simões, estudioso consciente, conseguiu nas conferências realizadas no Palácio da Paz, perante um público numeroso e exigente, arrumar todas as doutrinas, torneando-as de tal forma que nos aparecem sob novo aspecto, vestidas de maneira diferente daquela a que estavamos habituados.

A formidável agitação política e económica que rapidamente sucedeu à assinatura do armistício; a criação de novas e inesperadas zonas produtoras; a reacção rápida de determinadas balanças comerciais; o aparecimento de novos mercados; os desequilíbrios monetários, e as rápidas variações do poder de compra das divisas de certos países, foram os principais factores etiológicos da actual crise.

Veiga Simões, observador cuidadoso e conhecedor profundo, colheu todos os apontamentos, mirou todos os tratados, passou em revista a carta da Europa, antes de ter sido mutilada pelo Tratado de Versailes, entrou no segrêdo das questões pendentes, e ampliando sugestivamente tão gigantesco espectáculo colocou-o em confronto com aquele que hoje nos oferece o mundo doente, clamando terapêutica enérgica e violenta.

A Europa foi de todos os continentes o mais abalado, o que mais sofreu, aquele a que a doença mais estragos ocasionou. Seria difícil a um observador alheado do conhecimento das questões técnicas,

A crise económica que avassala o mundo e as conferencias do sr. dr. Veiga Simões

apontar as causas principais, ou pretender num esboço rápido detalhar os males e aconselhar este ou aquele fármaco. Seria tarefa inútil que o ridículo ou o esquecimento sepultariam de vez.

O que todos nós podemos confirmar é a inesperada intensidade da crise, aqui maior, acolá mais branda; aqui mais violenta com o seu interminável cortejo de desempregados, exército de reserva

causas, a doença que mina as nações que mais sofrem, e tirou conclusões que devem ser meditadas por todos os homens de Estado, por todos aqueles que necessi-

tam agir, ou são obrigados pelas suas ultteriores posições a ser comparsas neste drama angustioso que agita o mundo de ponta a ponta.

Gignoux, deputado e professor de ciências económicas, dos mais conhecidos e ouvidos nos centros cultos da Europa, diz num passo do seu prefácio, a uma vez modelar e sintético, que o testemunho de Veiga Simões, que toda a Europa estima e admira, não pode ser dispensado, e que a sua opinião, escutada pelos peritos de todo o mundo nas vastas salas da Haia, erguidas pela dotação Carnegie para a manutenção da paz internacional, é valiosa e utilíssima.

A certificar e a atestar a justa afirmação de Gignoux, está o recente livro de Veiga Simões, *Les nouvelles orientations de la Politique Économique Internationale*, síntese das admiráveis conferências de Haia, balanço de toda a vida económica da Europa, exacto gráfico da crise que a agita e inquieta, fazendo-a baloiçar entre uma ôca democracia e um bolchevismo romântico, e amparando entre os extremos citados os defensores da chamada contra-revolução, modelo Mussoline-Hitler.

Veiga Simões escolheu cautelosamente os motivos das suas conferências, incutindo-lhes vida nova e útil, e, analisando com certa visão as causas de degradação dos dias correntes, procurou traçar os caminhos do futuro, *les routes de l'avenir...*

Neste capítulo, tocado aqui e além de optimismo salutar, Veiga Simões, colocou o problema com uma nitidez assom-

broso, com uma certeza tão grande que é totalmente impossível que este admirável livro não ocupe o lugar que Gignoux justamente lhe profetizou, e que o seu autor, a maior cerebriização da última geração lusitana, não seja um dia chamado a ocupar posto condigno no xadrez político da Europa.



VEIGA-SIMÕES. (Desenho de António Soares)

que a fome estreita, acolá suportada com maior facilidade e resignação.

No seu curso da Academia de Direito Internacional, Veiga Simões, homem de Estado e sociólogo moderno, um dos economistas que melhor conhecem a Europa de hoje, arrumada a esquadro e lápis pelos lunáticos signatários do Tratado da Paz, ensinou com a sua experiência, historiando doutrinas e apontando as

A aviadora americana Mrs. Earhart, que realizou a travessia recente do Atlântico, foi em Paris entrevistada por um jornalista desportivo, a quem fez curiosas declarações, que merecem registo.

«A preocupação da beleza—disse ela—é indispensável ao aviador. É uma das condições da sua vida no espaço. Mas esta poesia prende-se ao próprio acto de voar e não à paisagem sobre a qual se voa. O Oceano não me trouxe nada novo; sentia-me sempre no mesmo elemento.

—Mas, ao atravessar o Atlântico, não sofrem de uma solidão especial?

—Talvez, mas não me foi possível avaliá-la. Se eu tivesse procurado as estrelas ou mirado as ondulações das vagas, teria recebido uma emoção vinda do mundo exterior. Mas eu realizava um vôo guiado por instrumentos científicos. Todo o meu pensamento estava concentrado no fim a alcançar, a minha atenção presa, a todo o momento, pelos meios de o alcançar. A última hora foi dolorosa. Esperava avistar as costas europeias mas distinguia apenas uma facha no horizonte, que tanto podia ser das vagas como de nuvens; depois apareceu-me um traço escuro, mas não tinha ainda a certeza que fosse terra.

—A coragem nos homens é natural, mas numa mulher, por causa da sua fragilidade, parece-nos admirável.

—A coragem—protestou Mrs. Earhart—é tão natural nas mulheres como nos homens. O que elas não têm é o hábito de a exercer na acção. A grande superioridade dos homens está na minúcia de preparação das suas empresas, na paciência com que as executam. As mulheres querem saltar etapas. Esforcei-me por seguir as lições desta escola viril, e parece-me que com bons resultados.

—Como aprecia o seu feito comparativamente ao de Lindbergh?

—A tentativa de Lindbergh tinha um alcance universal. A minha travessia do Atlântico foi uma questão puramente pessoal. As mulheres tirarão dela o partido que entenderem. Fi-la unicamente para mim.»

Como o jornalista lhe pedisse o relato de alguns incidentes passados durante a viagem, a aviadora respondeu: «Gostaria que se tivesse passado alguma coisa, para ter alguma coisa que contar. Mas, infelizmente, não aconteceu nada extraordinário.»

—O que me interessa, é exactamente aquilo que se passa no aviador, quando em volta d'ele nada se passa.

—Isso não se pode exprimir. É preciso experimentá-lo.»

Os campeonatos internacionais de *tennis* que acabam de disputar-se em Paris e constituem a mais importante manifestação anual em *courts* de terra batida, deixam antever a solução provável do mais discutido problema do *tennis* internacional: quem ficará na posse da Taça Davis.

A superioridade indiscutível que continuou afirmando o incomparável Cochet, garante à França duas vitórias nos encontros singu-

deSPORTS

OS FACTOS DA QUINZENA



O MONUMENTO A LUÍZ MONTEIRO, NOVO ASENTADO AO BOM GÓBTO CIDADINO, ERIGIDO NA AVENIDA DA LIBERDADE

lares e a quasi certeza de triunfo no jôgo de pares, onde o campeão encontrará a colaboração eficaz do especialista Brugnon. Isto basta para esperar que o trofeu continue na posse dos seus actuais detentores.

A incógnita do segundo jogador francês, nos singulares da Taça Davis, posta como de difícil solução após o afastamento voluntário de Borotra e a incerteza de valor relativa dos três novos, Boussus, Bernard e

Merlin, esclareceu-se de maneira incontestável com a inesperada ressurreição de René Lacoste.

Na actividade desportiva existem leis que a prática confirmou e estamos habituados a considerar infalíveis; uma excepção a elas espanta como um milagre. Por isso tanto se tem comentado em volta dos resultados obtidos por Lacoste nos campeonatos de França. Aquele que fôra o primeiro jogador do mundo, máquina perfectíssima contra cuja regularidade se esboroavam os mais fortes adversários, havia três anos que abandonara por completo a prática do seu desporto favorito.

Várias vezes se tinha anunciado que retomára a *raquette* e treinava com o método que fizera d'ele o melhor dos melhores, mas sempre o desmentido vinha pôr cõbro a boatos que tinham muito de um desejo tomado como realidade. Até que há um mês se confirmou a sua inscrição nos campeonatos internacionais de França.

O seu primeiro jôgo, contra um adversário de classe inferior, foi um successo de curiosidade e o público acorreu numeroso, abandonando jogos de mais categoria para vir aplaudir carinhosamente o campeão que voltava, testemunhando-lhe um incondicional carinho.

Lacoste venceu como e quando quiz.

No dia seguinte, batendo-se com jogador de mais categoria, tornou a vencer sem aparente dificuldade, afirmando uma precisão, uma habilidade técnica, uma noção do lugar que faziam recordar aquele que fôra o primeiro esteio da França.

A sorte designara-lhe como adversário seguinte o americano Wood, terceiro jogador do seu país. As duas primeiras partidas foram para este um desastre; Lacoste venceu em 6-0 e 6-1, mas perdeu a partida seguinte 3-6, a outra 6-8, triunfando à quinta 7-5, após uma luta titânica.

Esta vitória do francês deu brado, e reveste-se realmente de características extraordinárias; que valor excepcional de classe possui este homem que, à sua primeira aparição após três anos de ausência, se classifica imediatamente como um dos primeiros jogadores do mundo!

A sua posterior derrota por Lee, da *equipe* nacional inglesa, em nada diminui as proezas anteriores. Lacoste jogou com superior tática, trabalhando tanto com os músculos como com o cérebro, e até final da quarta partida a luta esteve indecisa, falhando os pontos decisivos por escassos centímetros.

Para a opinião pública francesa o reaparecimento de Lacoste solucionou o problema da Taça Davis, pois todos veem nela o segundo jogador dos encontros singulares.

A Avenida da Liberdade tem andado infeliz nestes últimos tempos com os adornos que lhe destinam. Nela instalaram primeiro aquele monstruoso discobolo que é um labeu lançado à estética da cidade, e agora, um quarteirão abaixo, põem-lhe um menino lin-

fático mas cabeludo, em trajos menores para mostrar as costelas e segurando no braço esquerdo um disco (é síma) com o perfil do grande Lufz Monteiro que, francamente, merecia mais condigna homenagem.

Não gabamos o gôsto da Comissão Organizadora nem compreendemos o critério que presidiu à escolha do monumento; tratou-se de um professor de gymnastica, do introdutor dedicado da educação física em Portugal, era natural ter escolhido, para figura simbólica, um atleta perfeito. A Comissão, porém, entendeu em contrário e entregou o encargo de apresentar Lufz Monteiro à posteridade, a um menino precisando de gymnastica, o simbolo da raça.

Em Paris disputou-se há pouco tempo um combate de *box* para conquista do titulo de campeão do mundo na categoria dos médios; eram adversários o francês Marcel Thil e o detentor do título, um negro americano cognominado pitorescamente Gorilla Jones.

A luta terminou ao 11.^o round pela desclassificação do negro que, vendo-se largamente dominado e sentindo o perigo a que

o expunha o extraordinário poder físico do seu competidor, acumulou propositalmente as faltas, procurando uma sanção que lhe permitisse mais tarde discutir a derrota e pretextar justificá-la em motivos extra-desportivos.

A critica censura-o ásperamente e aprecia com severidade um processo que

parece de uso habitual dos campeões americanos, pois não foi este Gorilla o primeiro a dele se servir em França.

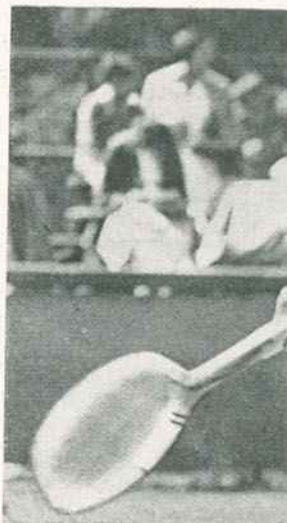
Neste combate foi posto em prática um pormenor novo e curioso: as luvas de cada pugilista tinham cor contrária à da pele do adversário, isto é, eram brancas as de Thil e negras as de Jones, no intuito de permitir aos juizes a contagem dos socos marcantes, pelo contraste entre o alvo e o projectil.

Estamos finalmente esclarecidos sobre a representação portuguesa nos Jogos Olímpicos de Los Angeles; acabaram-se os sonhos, mas a realidade está muito mais em acôrdo com as nossas possibilidades reais. O C. O. P. declarou que não poderia deslocar mais de seis homens, dada a deficiência do seu estado financeiro, e essas vagas devem ser preenchidas por cinco esgrimistas e um atirador, ficando para hipóteses suplementares, mais dois atiradores, dois corredores de velocidade e, por simpatia especial dos dirigentes olím-

picos, os marinheiros de vela e um especialista do pentatlo moderno.

Felizmente, para nos evitar comentários e censuras deploráveis, os praticantes portugueses do pentatlo quasi não existem e os que há, mesmo os predilectos, são de tão escasso valor que não podem ser considerados com seriedade.

Tôda a esperança dos desportistas lusitanos acompanhará, na longínqua e difficil deslocação, o grupo dos seus esgrimistas, de tão gloriosas tradições. Temos tradições a manter, e por certo não desmereceremos embora se nos afigure que o valor médio da *equipe* é inferior ao das suas predecessoras. A concorrência na Califórnia será, contudo, inferior à das ante-



LACOSTE, ANTIGO CAMPEÃO DO MUNDO DE TENNIS, REAPARECEU ESTE ANO COM GRANDE SUCESSO

piores olimpíadas e faltarão alguns dos mais fortes competidores, como os belgas e os holandeses.

Não será, portanto, para estranhar, caso o destino e os juris não decidam em contrário, que a bandeira portuguesa seja içada num dos mastros do Estádio Olímpico.

A Federação de Esgrima procedem a provas especiais de escolha, para avaliar definitivamente do valor relativo dos nossos espri-

distas, mas, segundo as probabilidades anteriores, parecem dever ser seleccionados Gustavo Carilhas, campeão nacional, Henrique da Silveira, Alvaro Pinto, João Sasseti e dr. Ruy Mayer.

O dr. Manuel Queiroz, que tinha na *equipe* um lugar assegurado, não pode deslocar-se.

Os campeonatos regionais de atletismo disputados nos domingos do mês findo, foram pouco animados e pouco animadores.

A enorme percentagem de abstenções nos atletas inscritos transtorna por completo o programa e motiva a realização um tanto ridícula de eliminatórias em que se não elimina ninguém, como succedeu este ano em tôdas as corridas.

Ignoro a quem atribuir a responsabilidade destas faltas, se aos atletas que por falhos de brio não sabem honrar os seus compromissos, se aos clubes que inscrevem os seus homens às grossas sem o escrúpulo de se assegurarem das respectivas intenções; o que julgo indispensável é que se procure por qualquer modo remediar o mal, encontrando uma medida justa e compatível com os direitos dos amadores.

Os resultados verificados são quasi todos muito fracos; se exceptuarmos os 10 s. $\frac{1}{2}$ de Mário Pôrto nos 100 m. que têm um valor internacional e o lançamento do dardo a 48.^m40, por Adriano Pires, que iguala quasi o seu próprio *record*, todo o resto pára numa desoladora mediania. Os homens são os mesmos dos anos anteriores e, na maioria, em declínio; dos novos elementos apenas dois conquistaram um posto: Manuel Marques, futuro campeão de oitocentos e mil e quinhentos metros, e Guilherme de Vasconcelos, cuja habilidade se perde numa excessiva aglomeração de provas. A penúria de especialistas é tão grande que o mesmo homem vence as quatro distâncias desde os oitocentos metros até aos dez quilómetros, em tempos que nem servem para trazer por casa. Nos 10.000 m. annunciam-se resultados que figurariam entre os melhores portugueses se não tivesse havido um lamentável equívoco de medição, que reduziu a distância a 9.707.^m20, faltando aos corredores uma volta para atingir a verdadeira metragem.

O público, que acorreu muito numerozo no primeiro domingo, escasseou depois atraído para outros campos pelos jogos finais do campeonato nacional de *foot-ball*.

A organização em pista foi boa e agradou; em compensação o programa foi mal elaborado tecnicamente, colocando em conjunto provas incompatíveis, tais como as estafetas 4 x 100 m. e 4 x 200 m. na mesma tarde, e o salto em comprimento seguindo imediatamente a final dos 200 m.

Foi ainda o Sporting a colectividade que afirmou mais valor de conjunto, melhor equilibrio nas diferentes modalidades; o Benfica, com os seus cinco campeonatos, parece haver subido em referência à época anterior, mas a impressão é falseada porquanto, dessas provas, quatro foram ganhas por Manuel Dias, que não pode positivamente ser consi-



A CHEGADA DOS 800 METROS, GANHOS POR MANUEL DIAS, ESPECIALISTA DA LÉGUA

derado como um produto da escola benfiquense.

Na *equipe* vermelha apenas Araujo representou um valor; Cristovam Cardoso peorou em referência a 1931, Martins Vieira desiludiu e Gil Martins tão pouco demonstrou progresso.

O Internacional, privado da colaboração preciosa de Alfredo Silveira, apresentou-se melhor apetrechado em atletas de criação própria. Ao lado de Pires e Diniz, já consagrados, Lís Ferreira lançou o martelo a uma distância já interessante, Guilherme Vasconcelos e Carlos Barreto conquistaram um lugar de destaque no meio da falange de seniores.

No Belenenses, além de Severo, que ainda é homem para arrear os melhores, apenas Jacinto Duarte merece atenção especial, pois pode adquirir uma classe interessante; considero-o um corredor de 400 m. se durante o inverno praticar uma cultura física que lhe dê melhor *estôlo*. Júlio Santos sem preparação, e Penetra não confirmou o seu campeonato de juniores.

No Vendedores de

Jornais é Adelino Tavares o único que merece referência; possui um péssimo estilo e provou grande irregularidade, pois após uns bons 10.000 m. fez uma péssima légua. Precisa trabalhar.

Resta falar do Sporting; Mário Pôrto foi a figura máxima destes campeonatos, mas o seu valor actual em 200 m. é muito inferior ao dos cem. Seguem-se-lhe Garnel, Palhares Costa, Aguiar, Almeida entre os antigos, e uma promissora falange de novos, Manuel Marques, Silva Marques, Scheitel Martins, H. Queiroz, Edmundo Mourinha, o verdadeiro vencedor dos 400 m. planos. Faltou a colaboração preciosa de Carvalhosa e alguns dos seus homens, tais como Ildo Gomes, Alvarez, Uva Cansado, Pinheiro, apresentaram-se numa forma muito deficiente.

Apesar de tudo a *equipe* leonina ficou na posse de 12 campeonatos, num total de vinte e duas provas, batendo por confortável diferença os dois *records* nacionais das estafetas de meio fundo, os 4 x 800 m. e os 4 x 1500 m.

Os campeonatos portugueses disputaram-se simultaneamente com os de Lisboa e tiveram o seu melhor resultado também nos 100 metros, onde Sarfield venceu com os mesmos 10 s. $\frac{1}{5}$ de Mário Pôrto. Nas restantes provas os tempos e distâncias não acusam progresso, embora alguns sejam melhores que os do sul.

Os campeonatos nacionais, que se disputam nos dias 2 e 3 de Julho, no Estádio do Lima, esclarecerão definitivamente este problema comparativo de valores, sendo de esperar ainda uma manifesta superioridade dos lisboetas e um conjunto de *performances* pouco animadoras para o progresso do atletismo português.

Com escasso interesse e muito reduzida assistência disputou-se nos *courts* do Sporting Club de Portugal, no Campo Grande, o encon-



LUÍZ AGUIAR, CAMPEÃO DE LISBOA DO SALTO EM ALTURA, PRECISA AINDA DE APERFEIÇOAR O SEU ESTILO

tro Pôrto-Lisboa em *tennis*, que terminou pelo triunfo absoluto dos representantes da capital.

Apesar dos esforços denodados de alguns propagandistas dedicados, o *tennis* não consegue progredir em Portugal, nem criar ambiente de popularidade que permita iniciativas interessantes. O campeonato de Lisboa por *equipes*, que refinara um número já apreciável de inscrições, foi sempre jogado em família, e o número de adeptos conserva-se estacionário, tanto em número como em valor.

A circunstância de ser este um desporto caro, exigindo demorada e cuidadosa preparação, reduz extraordinariamente o âmbito dos praticantes e impede o progresso do nível médio do *tennis* português.

Os nomes consagrados há dez anos são ainda hoje os que ditam leis, surgindo de tempos a tempos uma nova esperança que resulta sempre em final desilusão.

Julgamos que o *tennis* — desporto de competição — nunca conseguirá atingir entre nós um valor internacional, ficando, como tantos outros, um jogo para entreter em família.

Salazar Carreira.



MÁRIO PÔRTO, VENCEDOR DOS 200 METROS, QUE PERCORREU OS 100 METROS EM 10 S. $\frac{1}{5}$

Festas de caridade

«GINKANA» AUTOMOBILISTA

Realiza-se, amanhã, sábado, no campo do Jockey Club, ao Campo Grande, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte D. Arcelina Valente Moreira (Taboçeira), Condessa de Calhariz, Condessa de Carnide, Condessa de Seisal, D. Emilia de Melo Osório (Proença-a-Velha), D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, Marquesa de Tancos, Senhora de Castiço, e Senhora d'Hyberville, cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência, e em que estão inscritos os nossos melhores volantes amadores, tanto senhoras como cavalheiros.

Os prémios a disputar foram oferecidos pelas principais ourivesarias da capital.

NAS BELAS ARTES

No vasto hall da Sociedade Nacional de Belas Artes, realizou-se no dia de S. Pedro, tanto de tarde, como à noite, um grandioso «arraial» de caridade, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.^a D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebêlo da Silva, a favor da Escola das Chagas, para crianças pobres.

Houve, além dos diversos divertimentos, que são de uso nestes folguedos populares, dansas, fados pela célebre cantatriz Ercília Costa, acompanhados, números de variedades por um grupo de distintos artistas que gentilmente se prestaram a tomar parte nesta festa de caridade, do qual fizeram parte Auzenda de Oliveira, Beatriz Costa, Georgina Cordeiro, Luísa Satanela, Maria Cristina e Nascimento Fernandes, que também ali tiveram a sua barraca do «Tostão teatral».

Em um dos salões do primeiro andar houve partidas de *mah-jong*, *bridge* e *bluff*.

NO PARQUE FOLGOSA

Na noite de 27 realizou-se no Parque Folgosa, à rua Nova da Palma, um grandioso festival de caridade, organizado por uma comissão composta das senhoras baronesa de Warner Parrham, D. Guilhermina Costa Cabral Knotz, D. Izilda de Moura Coutinho de Almeida de Eça, marquesa de Viana, senhora de Lobato e viscondessa de Camarate, cujo produto se destina a favor de várias obras patrocinadas pela comissão organizadora.

Casamentos

Na paróquia de Santa Isabel realizou-se, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Marion de Brito e Abreu Craw, gentil filha da sr.^a D. Atanazie de Brito e Abreu e do sr. William Craw, já falecido, com seu primo, o distinto tenente-médico sr. dr. Sebastião de Brito e Abreu,

VIDA ELEGANTE

filho da sr.^a D. Maria do Patrocínio Lopes de Brito e Abreu e do sr. Sebastião de Brito e Abreu, já falecidos.

Foram madrinhas a mãe da noiva e prima do noivo, a sr.^a D. Maria Luísa Maldonado Pessanha Guedes, e de padrinhos os srs. Fausto de Brito e Abreu, antigo oficial da armada e tio da noiva, e Casimiro Teles Guedes, primo do noivo.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior de S. Sebastião da Pedreira, amigo íntimo da família dos noivos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Serviram de caudatárias da noiva as gentis crianças Maria de Lourdes Teles e Adelaide Magalhães Coutinho Nobre Guedes.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da avó materna da noiva, sr.^a D. Emilia de Brito e Abreu, à rua do Cabo, um finíssimo lanche da Garrett, partindo os noivos para a quinta do tio da noiva, em Sintra, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

Na assistência notavam-se as sr.^{as} :

Condessa de Bomfim e filha, Viscondessa de Silveiras, D. Maria Luísa Maldonado Pessanha Guedes, D. Henriqueta de Campos Otolini e filha, D. Maria José de Magalhães Coutinho Guedes e filha, D. Sofia Pinto Basto Mac Nicoll, D. Elisa Correia Lisboa, D. Mariana Teles Guedes, D. Maria Neves Ferreira Lobo de Campos, D. Maria Helena Bon de Sousa Xavier Cordeiro, D. Conceição do Canto e Castro Nobre da Veiga, D. Elisa Machado Pereira, D. Josefina do Canto e

Castro da Costa Salema, D. Sára Ribeiro de Almeida, Mrs. Brown, D. Ester Brington Elias, D. Antónia Reis Santos, Mrs. Brington, D. Joana Virgolino de Brito, Senhora do aspirante Seabra, D. Maria de Sousa Teles, D. Adelaide de Sousa Teles Gomes Pereira, D. Maria Luísa de Sousa Teles, D. Clotilde Teles Correia Pires, D. Ernestina Côrte Real, D. Carmina Cardoso, D. Maria Amélia Xavier Cordeiro, D. Maria Leonor Penalva de Mascarenhas (Tôrre) e irmã, Mss Moore, D. Teresa Machado, D. Edwin dos Santos, D. René de Sousa Teles, meninas Costa Monteiro, Bicaud, etc., etc.

E os srs. :

Marquês de Faria, Conde de Bomfim, Casimiro Guedes, coronel Pedro Fava Ribeiro de Almeida, engenheiro Nobre Guedes, dr. Erico Lisboa, comandante Nobre da Veiga, Walford, Nicoll Mac Nicoll, dr. Costa Félix, dr. Cabral Sacadura, Moran José Amado, Morris Elias, professor Lobo de Campos, José Viana de Lemos da Costa Salema, Eduardo Pereira, prior de S. Sebastião da Pedreira, tenente José Honorato Gomes Pereira, tenente Miguel da Silveira, tenente Brito e Abreu, tenente Costa Monteiro, aspirante Seabra, Alberto da Silveira, José Manuel e Luís Teles Guedes, Manuel Maria e José Bento Travassos Valdez (Bomfim), Ernesto Padenberg, José e Eurico Correia Lisboa, Nicoll Pinto Basto Mac Nicoll, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

A ilustre dona da casa e seus filhos D. Atanazie de Brito e Abreu Craw, D. Joana de Brito e Abreu Portugal e seu filho Fausto de Brito e Abreu, foram de uma inextinguível amabilidade para com os seus numerosos convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades.

—Realizou-se na paróquia de Benfica, o casamento da sr.^a D. Gisete Dargent, interessante filha da sr.^a D. Josephine Prend'Homme Dargent e do sr. Lambert Dargent, com o sr. Sebastião Carlos de Albuquerque (Ervedal da Beira), filho da sr.^a Viscondessa de Ervedal da Beira e do falecido conde do mesmo título.

Serviram de madrinhas a irmã da noiva sr.^a D. Maria Dargent Pereira Caldas e a mãe do noivo, e de padrinhos, o pai da noiva e o desembargador sr. José Maria da Costa Brandão de Albuquerque.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da Versailles, seguindo os noivos depois para a sua casa na Beira.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

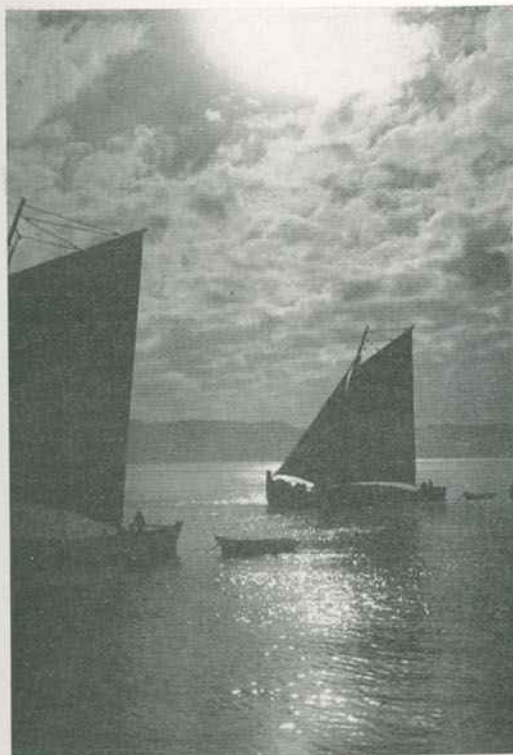
Batisados

Na paróquia de S. Mamede realizou-se, há dias, o baptizado da menina Maria Matilde, filha da sr.^a D. Maria José da Silva Freire Teixeira Damásio e do sr. Emídio Ferreira Damásio, e sobrinha do sr. Freire Teixeira, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Estefânia Serrano, e de padrinho, o sr. José Luís Serrano.



A SR.^a D. MARION DE BRITO E ABREU CRAW E O TENENTE MÉDICO SR. DR. SEBASTIÃO DE BRITO E ABREU, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA PARÓQUIA DE SANTA ISABEL.

CONCURSO
FOTOGRAFICO
ENTRE AMADORES
organizado pela
"ILUSTRAÇÃO"



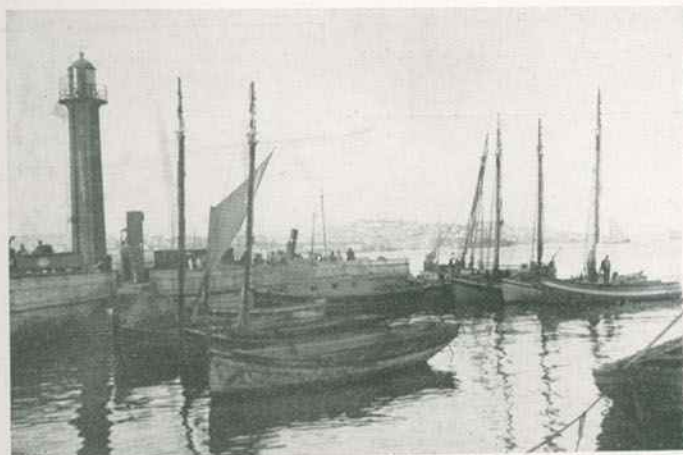
222 — FALCÃO NO TIJO — (Foto do sr. Carlos G. de A. Loureiro — Lisboa)



225 — ASPECTO DE NABHAMA — (Foto do sr. Mário da Gama Freixo — Évora)



227 — NO PARQUE DO SANATÓRIO — (Foto do sr. Carlos Teixeira de Sá Graf — Guarda)



223 — PONTAL DE CACILHAS — (Foto do sr. Mário Araujo Serra — Lisboa)



228 — SOVRE — (Foto do sr. Miguel Ferreira Martins — Lisboa)



224 — BRINCANDO NA PRAIA — (Foto do sr. Georgino da Nova — Lisboa)



226 — ESTARDECER — (Foto do sr. J. A. Gato — Mafra)



229 — AS TRAVEJAS — (Foto do sr. António Guedes — Porto)



230 — IDÍLIO INTERROMPIDO — (Foto da sr.^a D. Nômia R. de Sampaio — Funchal)



234 — BRISA DO MONDEGO — (Foto do sr. José de Serpa Brandão — Coimbra)



239 — TOMO BANHO OU NÃO? — (Foto do sr. coronel Azevedo e Silva — Lisboa)



231 — TARDE DE OUTONO — (Foto do sr. Rêis Gonçalves — Lisboa)



235 — PÔL DO SOL — (Foto do sr. Manuel Alves Sêreno — Coimbra)



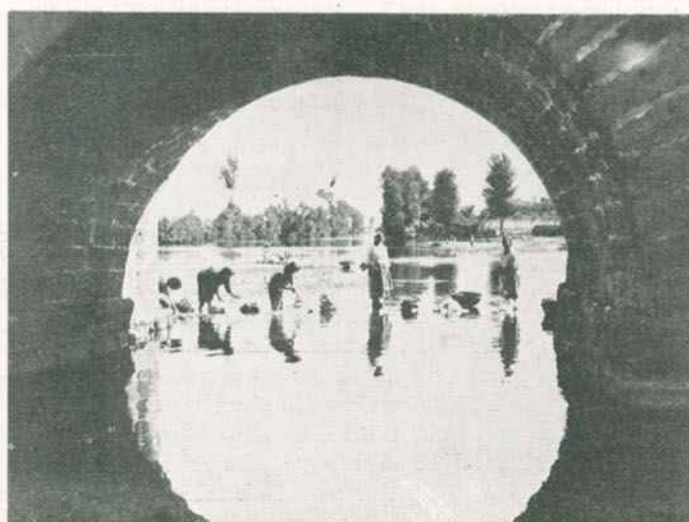
236 — NUVENS — (Foto do sr. Francisco Suspiro — Coruche)



240 — LUZ NO PORTAL — (Foto do sr. Domingos Audo — Redondo)



232 — À JANELA — (Foto do sr. Eduardo Ferreira Duque — Vila Nova de Gaia)



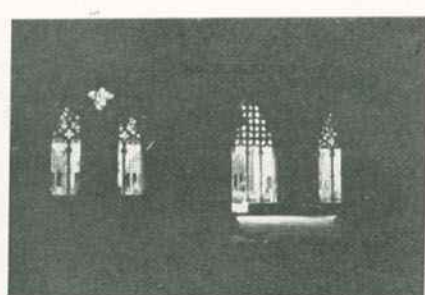
237 — LAVADIRAS DO TAMEGA — (Foto do sr. Cesar da Costa — Chaves)



241 — RIO NABÃO — (Foto do sr. Cândido Ferreira dos Reis — Rastrol)



233 — PRAIA DE SANTA CRUZ — (Foto do sr. Janúrio Nunes — Lisboa)



238 — SALA DO CAPÍTULO DA BATALHA — (Foto do sr. Ruy Sena Pereira de Lacerda — Lisboa)



242 — PINHEIROS DA AJUDA — (Foto do sr. G. Pereira — Guimarães)



243 — NA MESA DE JANTAR — (Foto do sr. Edgard Santos — S. Pedro do Sul)



248 — LA LIANE — (Foto do sr. José de Alameda Santos — Roulogne-Mer)



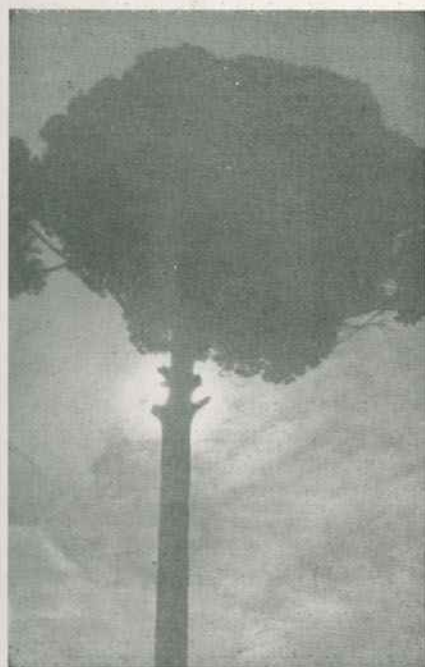
244 — AMENDOUIRA FLORIDA — (Foto do sr. sr. Jaime da Graça Mira — Messines)



246 — DIA DE CHUVA — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)



249 — UM BANHO FORÇADO — (Foto do sr. Alfredo Castro Pereira — Fronteira)



245 — VISÃO DE ARTE — (Foto do sr. Rolando M. Monteiro Ferreira — Porto)



247 — DÊBÉ NÃO SER GENTE... — (Foto do sr. Domingos C. Machado Pereira — Lisboa)

Aos concorrentes:

Temos em nosso poder cerca de mil e cem provas fotográficas que serão publicadas até dezembro. O sorteio para os prémios — que são numerosos — far-se-ha, conforme se anunciou, pela **Lotaria do Natal**. Entre eles destaca-se um esplendido **Cine-Kodak** que será o 1.º Prémio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro 1.º Prémio, chamado **Prémio da Sorte**, para a fotografia, cujo numero de publicação seja igual aos três algarismos finais do numero contemplado com a Sorte Grande.



250 — PRESUNÇÃO E... ÁGUA BENTA — (Foto do sr. Augusto Severino — Figuerá dos Vinhos)



HÁ muita gente que ignora o motivo porque não há bancos no passeio público de Vila Franca de Xira. Mas eu explico.

Aí por volta de 1850, os vilafrancaxirenses, que tinham por costume ir passar as noites de domingo ao passeio público para ouvirem a banda da música, procuraram o presidente da Câmara Municipal e disseram-lhe que era muito desagradável, para os habitantes de Vila Franca, verem-se obrigados a sentarem-se no chão ou estarem toda a noite de pé quando se queriam deleitar com o concerto musical da Impagável Vilafrancaxirense.

Prometeu o presidente estudar o assunto e imediatamente reuniu a vereação da Câmara e lhes expôs a reclamação do simpático povo da vila ribatejana.

Depois de duas horas de acalorada discussão não encontravam, para o caso, os ilustres munícipes, nenhuma solução quando se levantou o vereador alcoólico e disse:

— Tenho uma ideia.

— Fale... fale... bradaram todos.

— Lembro que se podem colocar no passeio público alguns bancos.

— É bem lembrado... é bem lembrado..., apoiaram todos os colegas.

E o projecto foi imediatamente aprovado.

Oito dias depois, oito magníficos bancos, pintados de verde, eram a admiração dos 6.000 vilafrancaxirenses. Para que não houvesse reclamações, a Câmara Municipal tinha feito uma larga distribuição de bilhetes para que todos pudessem gosar o importante melhoramento. Por isso, na noite da inauguração dos bancos do passeio público todos tiveram direito a gosar algumas horas de repouso.

Infelizmente o deslumbrante verde

da pesca

com que os bancos tinham sido pintados não estava bem sêco e todos os freqüentadores do passeio público, ao regressarem a casa, verificaram que tinham o fato inutilizado e cheio de manchas de tinta.

No dia seguinte, as drogarias de Vila Franca de Xira, esgotaram os seus estoques de benzina.

Apresentada a respectiva queixa ao presidente da Câmara, este prometeu providenciar e imediatamente reuniu a vereação e lhe expôs o assunto a tratar.

Depois de duas horas de acalorada discussão não encontravam para o caso, os ilustres munícipes, nenhuma solução, quando se levantou o vereador alcoólico e disse:

— Tenho uma ideia.

— Fale... Fale... bradaram todos.

— Lembro que se mande pintar nos bancos um letreiro que diga: *É proibido sentarem-se.*

— É bem lembrado... É bem lembrado, apoiaram todos.

Mandam chamar um pintor de letras e disseram-lhe para pintar em todos os bancos o letreiro: *É proibido sentarem-se.*

Durante quatro meses os vilafrancaxirenses obedeceram cegamente à determinação da Câmara, mas ao fim dêsse tempo resolveram comunicar ao presidente da Câmara que era absolutamente inútil haver bancos no passeio público se era proibido fazer uso deles.

Concordou o presidente e imediatamente reuniu a vereação e lhe expôs o assunto a tratar. Depois de duas horas de acalorada discussão não encontravam para o caso, os ilustres munícipes, nenhuma solução, quando se levantou o vereador alcoólico e disse:

— Tenho uma ideia.

— Fale... Fale... bradaram todos.

— Lembro que se mande pintar nos bancos o seguinte letreiro:

Os bancos estão sêcos. Já se podem sentar.

O presidente voltou a chamar o pintor de letras e deu-lhe as novas instruções.

No primeiro domingo todos os vilafrancaxirenses quiseram sentar-se nos bancos e, quando chegaram à noite a casa, em vez de manchas verdes tinham os fatos todos cheios de nódoas amarelas, que era a cor com que as letras tinham sido pintadas.

Imediatamente foi presente a reclamação ao presidente da Câmara, que prometeu providenciar e, acto contínuo, reuniu a vereação e lhe expôs o assunto a tratar. Depois de duas horas de acalorada discussão não encontravam, os ilustres munícipes, para o caso, nenhuma solução, quando se levantou o vereador alcoólico e disse:

— Tenho uma ideia.

— Fale... Fale... bradaram todos.

— Lembro que se mande pintar nos bancos um letreiro que diga:

Não se sentem ainda. A pintura não está sêca.

— É bem lembrado... é bem lembrado... apoiaram todos.

Chamou novamente o presidente o pintor e indicou-lhe o que devia fazer.

Esperaram os vilafrancaxirenses três meses e, ao fim dêsse tempo, mais uma vez foram procurar o presidente da Câmara e lembraram-lhe que era possível que a pintura já estivesse sêca.

O presidente reuniu a vereação e expôs-lhe o alvitre.

Depois de duas horas de acalorada discussão, não encontravam os ilustres munícipes, para o caso, nenhuma solução, quando se levantou o vereador alcoólico e disse:

— Tenho uma ideia.

— Fale... fale... bradaram todos.

— Lembro que se mande pintar nos bancos um letreiro que diga: *Já se podem sentar. A pintura está sêca.*

Pintou-se o novo letreiro e quando os vilafrancaxirenses se sentaram ficaram com os fatos manchados de amarelo.

Nova visita ao presidente da Câmara e nova reclamação.

Reuniu novamente a vereação, mas como nessa tarde não tivesse comparecido o vereador alcoólico, foi votada a seguinte proposta:

«A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira:

Considerando:

Que os vilafrancaxirenses, se sujam sempre, quer a pintura esteja sêca ou não, quando se sentam nos bancos do passeio público, resolve:

Artigo primeiro e último—São suprimidos os referidos bancos».

É aqui está explicado o motivo porque não há bancos no passeio público de Vila Franca de Xira.

O pescador—Lino Ferreira.

... Vida Feminina

A elegância de uma senhora não deve consistir apenas nos vestidos, nos chapéus, no calçado e nos pequenos acessórios de «toilettes»: a elegância deve ser tanto interior como exterior, e a distinção faz com que muitas vezes, numa mulher simplesmente vestida, se adivinhe uma senhora, enquanto que outras luxuosamente ataviadas, pelo seu ar vulgar e espalhajatoso, nos dão imediatamente a conhecer, que só no trajar são senhoras. Uma das coisas que mais encantadora torna uma mulher é a maneira de falar, e as senhoras da aristocracia inglesa, bem o compreendem, quando mandam ensinar às suas filhas dicção e educar-lhes a voz, para que se torne argentina e maviosa. Em Portugal não há êsses cuidados, e a verdade é que, em geral, as vozes são bonitas e bem timbradas; o que é muitas vezes vezes feio, horroroso mesmo, é o que sai das lindas bocas, das senhoras e meninas, da nossa primeira sociedade e da nossa melhor aristocracia e que a burguesia imita para ser «chic». No tempo do romantismo, em que Garrett triunfava e os salões do Conde de Farrobo davam a nota da mais subida elegância, foi moda o falar difícil. As pálidas elegantes, de olheiras fundas, procuravam os termos mais complicados e, falar assim, chamava-se falar bem. Em seguida, reconhecido o ridículo desta maneira de exprimir, usava-se um palavriado simples, natural, de uma grande distinção e graça. No tempo de D. Carlos, que nas suas predilecções tão portuguesas de cavalos e touros, pôs de novo o Marialvismo em moda, começou a usar-se o «calão» e passou a ser elegante as senhoras falarem como os toireiros e os moços de cavalaria. Depois veio a guerra e o calão de trincheira e agora, neste «après guerres» que tem sido um verdadeiro desmoronar da sociedade existente, o palavriado atingiu o cúmulo da inconveniência. Essa maneira de falar, ordinária, está perfeitamente aceite e frases há que, tendo uma origem baixa e até indecente, são correntes na conversação de hoje. Se soubessem as senhoras que, por um tolo snobismo, adoptam esse modo de se exprimir o mal que lhes fica, tratariam de se corrigir e de evitar essas palavras, que muitas vezes as põem a par das vendedeiras dos mercados de Lisboa, que não primam pela correcção da linguagem. Há tempo uma dessas mulheres, que tinha sido multada pelos seus desmandos de língua, dizia num eléctrico a outra: «A gente paga multa, mas há senhoras que também são sujas de língua» e é bem achado o termo porque falar assim é uma sujeidade. E para não se igualar a essas pobres mulheres que ninguém educa, as senhoras não devem sujar as suas belas bocas, com termos de «calão» que só podem ser proferidos por um fadista.

Um dos nossos mais distintos escritores e poetas, dizia-me há tempo qual a impressão que sente, quando ao aproximar-se de uma senhora, que lhe chama a atenção pela sua beleza e aparente distinção, e ao falar lhe ouve uma dessas frases que as portuguesas «chics» usam continuamente, e que soam tão mal na boca de uma mulher bonita e que pela sua situação devia ser educada, frases essas que só deviam ser proferidas na Mouraria ou em Alfama. A elegância não está só na «toilette». A verdadeira elegância é a interior, é aquela que vem de uma esmerada edu-

cação, e sobretudo da gentileza intelectual. É uma senhora que fala como um carroceiro, não pode de maneira nenhuma ser gentil. Sejamos elegantes em tudo, na «toilette» e na maneira de falar, e fugindo ao ridículo do romantismo, falemos com simplicidade, como as senhoras antigamente falavam e deixem uma linguagem que não é elegante nem distinta, que fica mal numa senhora, e que nada recomenda, chegando mesmo a ser incompreensível, como se sentem bem fazendo



alarde de umas maneiras tão pouco correctas e sem interesse alguma. Sejam sempre, e acima de tudo, senhoras. Ai é que está a verdadeira elegância.

Maria de Eça.

A inteligência

UMA colaboradora do *Temps* pergunta se os homens gostam das intelectuais. Mas é preciso ser claro. Quando se chama «intelectuais» é referindo-se às pessoas que escrevem e leem. Para as mulheres, são aquelas que fazem profissão de ser inteligentes. E para a maior parte dos homens é indiscutível que têm horror àquelas que mostram a consciência do seu próprio valor intelectual. É verdade que nunca, como nesta época, foi tão grande o número de literatas. Jean Larnac explica esta invasão em massa das mulheres na literatura com o desenvolvimento, bastante recente, do ensino superior feminino. Elas continuam, na vida prática, os seus deveres escolares, pequenas descrições, dissertações filosóficas e prolongam assim as suas classes. A verdade é outra. As mulheres não vêm na literatura senão uma carreira que não exige conhecimentos técnicos nem diplomas e tódas, da princesa à dactilógrafa, tentam à sorte. Se no decorrer dos anos, como diz Paul Valéry, os cérebros femininos, desenvolvidos pela cultura, se aproximam mais do génio masculino, as mulheres procurarão talvez companheiros de cérebro plácido e repousante e cometerão um grave erro, porque para se amar verdadeiramente é preciso compreender-se e os homens verdadeiramente inteligentes não amam as estúpidas, porque temem aborrecer-se e perder ao lado delas as qualidades brilhantes do seu espírito.

Modas

PARA a noite usa-se sempre o setim branco, que é elegantíssimo e de uma grande distinção. Damos hoje um lindíssimo modelo do melhor feito em festas de Casino, nas praias ou nas termas. Estamos agora numa época em que começam as grandes festas nos lugares de vilegiatura e tódas as «toilettes» são necessárias. Este vestido, de um branco pérola, fica bem a tódas as senhoras. É modelo que convém às senhoras altas e que favorece também as que o não são, porque, sendo de uma grande simplicidade, a sua guarnição está apenas no corte, que é muito interessante. As saias muito justas nas ancas, favorecem muito, sobretudo quando tem o talhe dêste vestido, que cai com muita *souplesse*, dando uma linha de alta elegância à senhora que o usa. É na verdade uma linda *toilette*, que deve agradar às nossas leitoras, ansiosas de fazer a sua escolha, para nas termas e nas praias terem o seu successo de elegância assegurado, o que sucederá a quem usar este lindo vestido.

De mulher para mulher

Odette. — O preto e branco dá sempre um lindo efeito e creia que para meio luto é sempre o mais bonito. Os sapatos podem ser também brancos e pretos como diz.

Apressada. — Não tenha assim tanta pressa, ainda é muito nova e tem muito tempo de ser casada. Quanto mais tempo conhecer o seu noivo melhor. Mais probabilidades de felici-

cidade terão, se persistirem nos mesmos sentimentos. Não faça o que pensou, seria muito incorrecto.

Elegante.— Hoje, nas praias da Costa do Sol, já toda a gente toma banho em *maillot*. Poderá, pois, usar o *maillot* tão elegante que comprou em Dinard. Isto se éle não é excessivamente exiguo na sua elegância. Ainda há por cá muita bota de elástico!

Maria do Céu.— Em côr de rosa fica muito bem. Essas *capelines* são na verdade muito práticas e se lhe ficam bem não deve sequer hesitar. Agradeço-lhe as suas gentilezas.

Receitas de cosinha

Linguado cozido com molho holandês.— Coze-se bem um bom linguado. Depois de cozido, escorre-se bem, tira-se-lhe a espinha e as barbatanas. Rodeia-se de batatas cozidas e cortadas em quadradinhos e de cenouras igualmente cortadas. Faz-se um montinho de cada coisa, que se cobre com molho holandês, que deve ser feito da seguinte maneira:

Seis colheres de água e três de vinagre, uma pitada de pimenta e outra de sal fino. Reduz-se ao lume a dois terços. Põe-se a caçarola em banho Maria e juntam-se duas colheres de água e sete gemas de ovos e juntam-se 250 gramas de manteiga, previamente derretida, e conforme vai engrossando o molho com a fervura, vão-se deitando umas quatro colheres de água para não engrossar de mais, sendo preciso podem deitar-se cinco ou seis. Tempera-se com o sal necessário e algumas gotas de sumo de limão. Deve deixar-se no banho Maria, um pouco morto, para não se estragar, até ser servido. Faz um lindo prato,



o que tem grande importância na apresentação da mesa.

Rigores da higiene

As leis da higiene são tirânicas. A comissão de higiene de Berlim publica que tendo já proscrito o beijo, com severas considerações, denunciando-o como um agente de infecção, em vez de ser uma prova de afecto, agora ataca o apêto de mão, que em Itália está sendo substituído pela saudação romana. Esta comissão de higiene faz notar nos seus relatórios, que quando se aperta a mão aos amigos, apenas nisso se vê um acto de cortezia. Porém, se se pensa nas consequências, vê-se como é prejudicial à saúde. Nós não vemos o inconveniente de apertar a mão a um desconhecido, no entanto não beberíamos no copo de outra pessoa. As mãos, no verão, estão muitas vezes húmidas de suor e contêm inúmeros micróbios. Para as apertar, sem infecção, era necessário fazê-lo de luvas, mas no verão, em geral, são abolidas. É preciso, portanto, abolir o apêto de mão. A rainha Higiene, nas suas decisões, quer libertar-nos desta maneira de cumprimentar. Para cumprimentar uma senhora, os homens apenas devem tirar o chapéu, mas como o chapéu se está usando pouco, resta apenas o cumprimento à romana para todos.

A casa

A mulher de hoje preocupa-se em que tudo o que a rodeie seja elegante e tenha um cunho de interessante modernismo. Nas mais pequenas coisas da casa se nota o *raffinement* da mulher que a habita. Na maneira como dispõe os móveis, como coloca as flores numa jarra e como apresenta as frutas na mesa. Apresentamos hoje às nossas leitoras uma maneira interessante e moderna de apresentar a fruta. Numa elegante taça de cristal fino, de uma transparência fluida, que nos dá o aspecto da imaterialidade, estão as frutas apetitosa, graciosamente dispostas, tornando-se um verdadeiro ornamento da mesa e uma bela e artística coisa. É preciso que em tudo a mulher ponha arte para tornar a casa atraente e a mulher que vive num ambiente agradável, tem sempre em si um cunho de arte e de graça, que a aureola, tornando-a interessante e atraente.

"Chandailles,"

A *chandaille* segue a sua triunfante carreira e estação depois de estação, ela é mais querida do que nunca. No inverno porque agasalha; no verão porque é prática e assim nos vemos obrigadas a ter *chandailles* de todas as côres, de todos os feitios, de manga curta, de manga comprida, num verdadeiro delírio de inovações, de pontos diferentes, de feitios variados. Damos hoje dois lindos modelos de *chandaille*, verdadeiramente graciosos e ambos muito práticos. Um tem as mangas compridas e o outro meia manga. Mas isso não impede que qualquer dêles não se possa fazer de manga comprida, ou mesmo completamente curta, isso depende do gosto da pessoa que as executar. No entanto, dare-



mos de conselho que preferam a manga comprida, se a *chandaille* for em lã, porque é mais prático. Sendo uma *chandaille* em lã é forçosamente de agasalho e, portanto, muito mais útil se tiver a manga comprida.

Um selvagem em Paris

BOUJAINVILLE, que em 1768 fez uma viagem à roda do cundo, trouxe consigo um indígena de Tahiti, o qual tinha mostrado o desejo de ver os países onde as mulheres andavam vestidas e onde havia divertimentos e espectáculos. Em 13 de Março de 1769 o navio *La Boudouse* entrava em Saint Maló e Sotonru, assim se chamava o indígena, pôde saciar os olhos no espectáculo das mulheres vestidas, porque o longo manto e as toucas das bretãs daquela época não deixavam ver um pedacinho de pele. Pouco tempo depois os dois chegaram a Paris. A presença do indígena fez sensação, as senhoras da aristocracia interessaram-se pelo selvagem. Bem fornecido de dinheiro, corria as ruas de Paris sem se perder e comprava nas lojas os mais raros objectos. Ia muitas vezes à Ópera. Depois veio-lhe a nostalgia e Boujainville dispendeu 36.000 francos para alugar a nau que o devia reconduzir à sua ilha. A duquesa de Choiseul, que o tinha envolvido de benefícios, deu-lhe uma forte soma para o abastecimento da sua ilha. O tahitano, que tinha partido pobre, voltava rico. Chegado à Ille de France ali ficou alguns meses. Parecia hesitar em voltar ao seu país, por fim decidiu-se. Mas não tornou a ver Tahiti, morreu de varíola no navio em que tinha embarcado.

Fausto passado

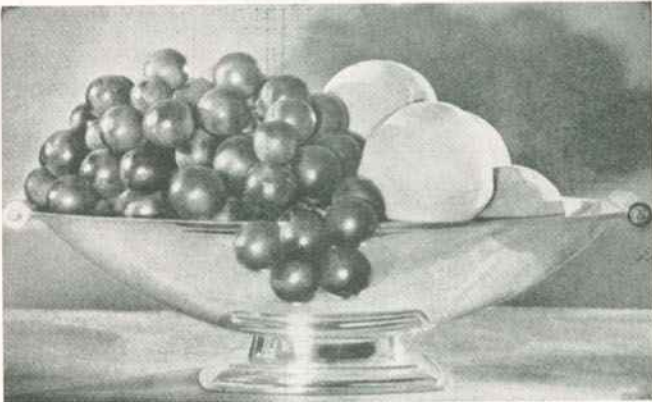
Itália tem, desde a Renascença, fama de um país generoso nas festas que organiza. Nessa época, nos casamentos da aristocracia, davam-se banquetes em que havia

mesas postas ao ar livre, onde se sentava quem queria, comendo e bebendo em honra dos noivos. Foi em 1473 que em Roma o Cardeal Rioria deu um jantar em honra de Leonor de Aragona, noiva do Duque Ercole de Este, jantar no qual se desenvolveu uma verdadeira ciência culinária. Vinte anos depois houve outro banquete, que ultrapassou este, oferecido pelo papa Alexandre VI, nas núpcias de Lucrecia Borgia, com o Sforza de Pesaro. Realizou-se no Vaticano e a fle assistiram o Papa, cardeais e cento e cinqüenta damas. Faltava Júlia Farnese, mas a delícia do festim fez esquecer a preciosa jóia que não o iluminava com o seu fulgor. Na sala de jantar havia uma fonte com doze bicas, de onde joravam vinhos diferentes, e sobre a mesa vinte e quatro castelos de açúcar, artisticamente trabalhados, enfeitavam a mesa. Um profi-

que a sua beleza reside principalmente neles. No seu tamanho e na sua expressão, que reflecte a alma. Mas os olhos têm ainda o condão maravilhoso de nos fazer ver as belezas que há pelo mundo e é, portanto, recomendável o maior cuidado com elles. A hygiene dos olhos é importantissima, devem lavar-se tôdas as manhãs com água fervida morna, tendo o cuidado de os não fatigar com um trabalho excessivo e guardar as prescrições de hygiene com respeito à luz, que não deve ser escassa, nem deslumbrante e que se não deve receber de frente. Várias vezes ao dia, devem fechar-se os olhos alguns minutos, para lhes conceder o repouso necessário. Recomenda-se também olhar para um quadro de cores vivas, para estimular a vista. O que se deve, sobretudo, evitar são as pinturas dos olhos, porque, por muito inofensivas que sejam, prejudicam sempre, assim como a pintura dos cabelos que tem na vista uma influência nociva.

A praia e as crianças

NADA há melhor para as crianças do que a praia. Aqueles dias que elas passam à beira-mar, numa liberdade absoluta, respirando o ar puro e iodado, ao ar, à luz e ao sol, são para elas melhores que todos os fortificantes do mundo. Mas é preciso também atender à maneira como se vestem as crianças para esses dias de praia. O *maillot* está naturalmente indicado, quer a criança tome banho quer não, o *maillot* é o traje próprio para praia, por todos os motivos. Deixa à criança a liberdade de movimentos, como é de lã não há o perigo de resfriamentos, e como é um traje que só serve nessa época, não há o medo que se estrague. Mas como há sempre tardes ou manhãs frescas é conveniente que a criança tenha o seu roupão de banho. Damos hoje um lindo modelo em malha de lã Dubied, que qualquer senhora pode executar e que é um



ter a sua elegância e em fazer um traje de viagem que alie o ser prático a ser bonito. O indicado é um vestido leve, que em caso de calor não incomode e um casaco forte em cima. Damos hoje um bonito modelo em fazenda moderna *beige*, uma cor muito prática porque se não conhece a poeira. O seu feitiço é simples, mas gracioso. Acompanha-o um pequeno chapéu em feltro e palha da mesmo cor. Os chapéus grandes em viagem são muito incômodos e não se tornam simpáticos. Nada há como o pequeno chapéu. Esta *toilette*, elegante e simples, a tôdas agrada portanto. A mulher moderna não quer ser apenas elegante nas recepções e nas festas, em todos os momentos da sua vida, ela quer ser *chic*, não só pelos outros, com o intuito de agardar, mas por si própria, pelo seu natural brio, que tão interessante a torna.

Indumentária feminina

No século II a camisa de linho era um vestuário só para de dia. O pudor exigia não tirar a camisa senão sob os lençóis e punha-se de baixo do travesseiro. Somente no século XVI appareceram as camisas de noite substituindo as de dia. Os lençóis eram então de lã. Só mais tarde começaram a usar-se os de linho. As fronhas das almofadas eram de grande luxo, bordadas e brazonadas. As calcinhas eram até aos tornozelos e assim se conservaram até ao 2.º Império. A-pesar da sua exiguidade, o lenço tem uma história longa e completa. Primeiro assoavam-se com os dedos e sempre com a mão esquerda. Depois cosia um quadrado de tela na manga esquerda para se assoarem à manga. Mais tarde usava-se o lenço no sovaco, depois na algebeira e foi de um luxo extremo. Um lenço oferecido a Gabriela d'Estrées custou 1.900 escudos. O enxoval data do século VII. Então os trabalhos de rouparia faziam-se no seio da família. Também na corte as damas fiavam o linho e depois bordavam-no. O enxoval de Isabel, filha de Henrique II, compunha-se de doze camisas de dia e doze de noite. Com o andar dos tempos os enxovais tornaram-se mais ricos e abundantes e em 1807, só em roupas brancas, o enxoval da condessa Potocka custou 200 mil francos. O que seriam os vestidos e outros acessórios de *toilette*.

Pensamentos

Em tôda a terra há a liberdade de ser infeliz. — Goethe.

A maior beleza das mulheres é a bondade. — Schiller.



gio daqueles tempos. Todavia estes festins eram nada comparados com o brilho que tiveram alguns em Veneza e a originalidade dos que se realizaram depois em Genova.

Higiene e beleza

Os olhos são, sem dúvida, a parte mais bela e nobre do rosto humano e as mulheres sabem bem

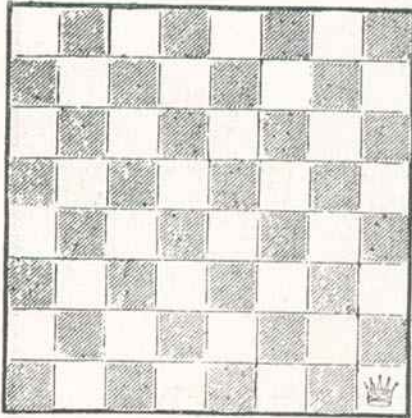


verdadeiro encanto, não só bonito mas também prático e de grande abrigo para a criança, não lhe tolhendo em nada os movimentos e sem o perigo de a deixar resfriar, o que pode succeder com os tecidos de algodão.

Vestidos de viagem

NESTA época do ano começam todos a pensar em se deslocar, e qual é a senhora que se não preocupa com a sua *toilette* de viagem? Tôdas pensam, como é natural, em man-

O PASSEIO DA RAINHA
XADREZ



Partindo a Rainha da casa onde está colocada no taboleiro de xadrez aqui representado, deve, em catorze movimentos, passar por tôdas as casas do mesmo taboleiro. A solução d'êste problema pode realizar-se partindo a Rainha inicialmente de quarenta e quatro casas diversas.

ANEDOTAS

Ela: — Se eu morresse, Carlos, o que fazias?

Ele: — Endoidecia, com certeza.

Ela: — Casavas outra vez?

Ele: — Não, filha, a doídice não me havia de dar para isso...



Um vinhateiro conduz um amigo à sua adega para lhe dar a provar os vinhos novos.

— Que te parecem êsses dois vinhos? — pergunta-lhe, depois dêle os ter provado.

O amigo fica saboreando um bocado, e depois responde, convencido:

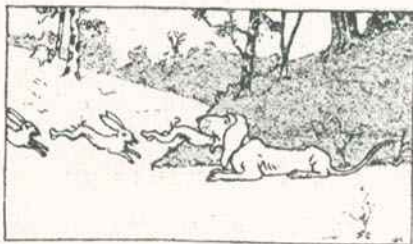
— São parecidos um com o outro como duas gotas de água!



— Minha querida — diz o marido à mulher — olha que quando talas comigo, não dizes senão tolices!

— Bem sei — responde ela; — mas faço-o de propósito, para tu me comprehenderes.

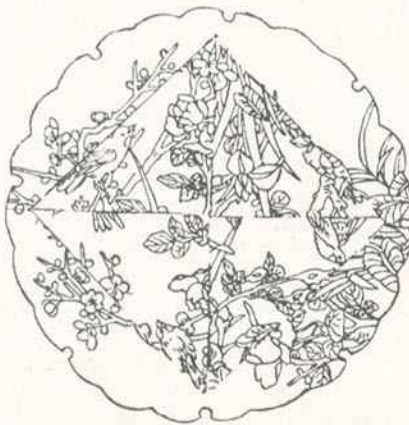
ILUSÃO DE ÓPTICA



OS QUATRO TRIANGULOS

(Passatempo)

Recortando, neste desenho confuso que apresentamos aqui, quatro triângulos de dimensões



iguais e tornando a colocá-los acertadamente obter-se há um desenho perfeito.

A CRISE TEATRAL

Um empresário duma casa de espectáculos em Moscovo, constatando que as representações do seu teatro não atraíam público, engenhosamente fez colocar um grande cartaz, na porta, com os seguintes dizeres:

«Excepcionalmente, a seguir à representação, a orquestra e os coros executarão um número especial, que causará uma surpresa extremamente agradável aos espectadores. Em todo o caso se algum d'êstes últimos declarar não ter gostado, será imediatamente reembolsado com a quantia da sua entrada multiplicada por dez.»

O teatro encheu-se à cunha. No fim da representação, e quando os espectadores esperavam o número sensacional, a orquestra e os coros atacaram com brio... a *Internacional*.

Todos se puseram de pé, como é de praxe, porque é êste o hino nacional. Depois o empresário avançando solennemente no palco declarou:

— Minhas senhoras e meus senhores, acabam de ouvir êsse magnífico hino, e espero que tenham apreciado a maneira como foi executado. No entanto, conforme a nossa promessa, reembolsaremos com dez vezes o valor da sua entrada o espectador que protestar.

Como protestar contra o hino nacional equivale pelo menos a alguns anos da Sibéria, ninguém se arriscou a esboçar, sequer, um protesto. O sucesso financeiro da noite foi absolutamente completo.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I	C	L	A	U	D	I	A			S
II	A		Y		O	D	E			E
III	M	I	A	S	M	A			B	I
IV	A	R	M	A				M	U	S
V	R	E	O		O	S		R	O	E
VI	O	M	N	I	U	M		R		
VII	T	O	T	O				N	O	V
VIII	E	S	E	R	I	N	A			E
IX					R	U	B	E	N	S
X			A	C	A	S	O			I

BRIDGE

(Solução)

Para cumprir, B precisa de calcular com muita exactidão as suas probabilidades. Ao Valete de oiros de C, A deita uma carta baixa, B entra com o Ás e joga o 10 de espadas, sobre o qual A deita o Ás de páus. Não joga a seguir o 2 de espadas, para não deixar baldar D ao Rei de copas, mas sim o 10 de páus. A faz a vasa com o Rei e joga copas. D pega com o Rei e tem de jogar páus. A balda-se a copas, B faz a Dama e entra a seguir com o 2 de espadas, e depois com o 4 de oiros. A faz então ss duas últimas vasas de oiros.

INVENÇÃO CURIOSA

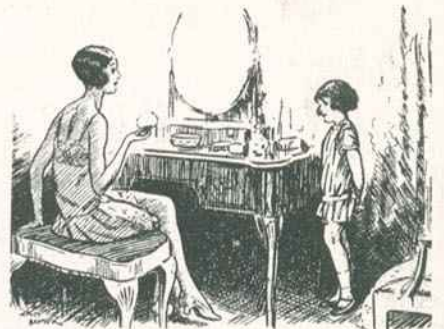
Os sábios inventam aparelhos para medir, no universo, as menores coisas como as maiores; mas é preciso ir à América do Norte para ouvir falar num instrumento destinado a medir... o pudor feminino.

Se se acreditar no que diz um jornal de Nova York, êste instrumento curioso consi-te numa placa de borracha onde vêm dar filamentos termo-eléctricos, sensíveis ao infimo aumento de temperatura e ligados a um galvanómetro cuja agulha marca a transformação de energia calórica em energia electrica.

A joven a ser examinada põe a cara em contacto com a placa de borracha e... ouve o interrogatório do *examinador*.

Se êste último consegue fazê-la corar, a agulha do galvanómetro revelará o grau exacto do pudor da paciente.

ESPERTEZA PRECOCE



Luísinha (assistindo à «toilette» da prima): — Só sacode a poeira, prima Aninhas? A mim obrigam-me sempre a lavar... a cara. — (Do «Punch»).

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notáveis livros da literatura romântica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

GRANDE SUCESSO

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . . **12\$00**

Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saúdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortekar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80—LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

Alexandre Herculano

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
— (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1368 **IRMÃOS, L.** DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por César de Frias

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . 10\$00
encadernado . 14\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

VOCABULARIO

DE

TERMOS TECNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

20\$00

Pedidos à **Livraria BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda a 3.^a edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado. **12\$00**
encadernado **16\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado. 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. **25\$00**

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00

PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Conselhos Práticos

DOIRADURA
A PROVA
DE MOSCAS

Fazem-se ferver três a quatro cebolas em meio litro de água, e espalha-se este preparado com uma escóva macia sobre os objectos doirados, o que nada os alterará, tendo-se assim a certeza de que as moscas procurarão afastar-se d'elles.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada)	30\$00 32\$40	60\$00 64\$00	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada)	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Espanha e suas colonias (Registada)	—	63\$00 67\$50	126\$00 135\$00
Brasil (Registada)	—	66\$00 75\$00	132\$00 150\$00
Outros países (Registada)	—	75\$00 84\$00	150\$00 168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.^o—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR
A Z DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.^o—Lisboa—

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seducções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

BOLACHAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosíssimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



Gazolina Auto=Gazo
...e uma leve pressão
no acelerador!



VACUUM
OIL COMPANY, INC. ¹¹²²